

Tempo do espaço, tempo da vida:

uma leitura
socioespacial
de Heitoráí

DENIS CASTILHO

Editora
Ellos

Tempo do espaço, tempo da vida:

uma leitura.
socioespacial
de Heitoráí

Apoio

Prefeitura Municipal de Heitorai

Câmara Municipal de Heitorai

Denis Castilho

Tempo do espaço, tempo da vida:

uma leitura.
socioespacial
de Heitorai

Goiânia - GO

Editora Ellos

2007

CIP. Brasil. Catalogação - na - Fonte
BIBLIOTECA “PROFESSOR JORGE FÉLIX DE SOUZA” – CENTRO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE GOIÁS.

C352t

Castilho, Denis.

Tempo do espaço, tempo da vida: uma leitura socioespacial de
Heitorai / Denis Castilho. – Goiânia: Editora e Gráfica Ellos, 2007.
91 p.

ISBN 978-85-60798-00-1

1. Heitorai (Goiás) - geografia 2. Heitorai (Goiás) - formação
socioespacial 3. Heitorai (Goiás) - história I. Título.

CDD 981.73

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Andréa Pereira dos Santos CRB-1/1873

Gráfica Ellos - Objetiva Gráfica e Editora Ltda.
Rua 6 nº 312/316, Vila Santa Isabel, CEP. 74.633-400, Goiânia, GO
Tel.: (62) 3261-9900
e-mail: comercial@graficaellos.com.br / www.graficaellos.com.br

Equipe de produção:
Gráfica Ellos

Diagramação:
Charles Guimarães de Souza

Capa e projeto gráfico:
Ellessandro Cirilo (Gomes)

DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 48 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

*Para meus pais, Dédino e Dilma,
Moradores de Heitorai
e do meu coração.*

“Eu quisera ver-te Heitoráí, no passado ainda, cheia de progresso e de ilusões, para contemplar tuas paisagens, vê tuas serras, rios e teus cafezais, pular na rua com a meninada, brincar de roda e de cirandinha, depois subir a ladeira do rio Uru, rezar uma Ave Maria e nada mais...”

*Enilson Alves de Souza
Artista Plástico - Heitoráí, Março/2007*

AGRADECIMENTOS

Um livro não é trabalho individual. Por meio de orientações, reflexões, revisões e discussões, muitas pessoas contribuíram para a concretização deste trabalho. Registro os meus agradecimentos à Prefeitura e Câmara municipais de Heitorai, pelo apoio financeiro; ao Gomes, pelo projeto de Capa e aos professores Lúcia Matias e Ismael Gonçalves, que não mediram esforços para esta publicação. Pelo trabalho que realizam, esses dois nomes se juntam aos demais professores de Heitorai, os quais merecem minha gratidão.

Este livro é fruto de trabalho monográfico desenvolvido no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás. Agradeço ao meu orientador prof. Eguimar Felício Chaveiro, à prof^a e tutora Lana de Souza Cavalcanti e aos profs. João de Deus e Maria Geralda de Almeida pelas orientações e contribuições. Para a realização das pesquisas e estudos foram imprescindíveis os trabalhos realizados junto ao Programa de Educação Tutorial, ao Laboratório de Geografia Humana, ao NUPEAT, ao Núcleo de Turismo e Cultura e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Formação Territorial de Goiás. Também agradeço os professores e amigos do IESA/UFG, da UEG, da AGB e de Heitorai.

Agradeço por fim, de um modo especial, à minha família.

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
Prefácio.....	13
Introdução.....	15
Considerações teóricas.....	19
O Espaço Urbano.....	19
Paisagem de Heitorai: entre o rural e o urbano.....	23
Paisagem: primeiro passo do estudo.....	23
Paisagem de Heitorai: uma cidade pequena.....	25
O processo de formação de Heitorai no contexto territorial goiano.....	34
A modernização do território goiano e a dispersão de cidades.....	34
O processo de formação de Heitorai.....	38
O que faz de Heitorai uma cidade?.....	46
Uma leitura socioespacial de Heitorai.....	50
Uma leitura físico-territorial.....	50
Zoneamento morfológico-funcional de Heitorai.....	59
Elementos territoriais de Heitorai.....	63
A posição de Heitorai.....	65
A função de Heitorai.....	67
Heitorai: uma cidade local.....	73
Heitorai na lógica contemporânea.....	74
Dinâmicas territoriais no campo e cidade.....	76
O trabalho e a dinâmica demográfica.....	79
Considerações finais: algumas particularidades do espaço e do sujeito heitoraiense.....	83
Referências Bibliográficas.....	87
O autor.....	91

APRESENTAÇÃO

O desafio de escrever a apresentação deste livro me pôs diante de um dilema: escreveria tão-somente sobre a obra (texto) ou procuraria me enveredar sem limites na seara pessoal para enaltecer as qualidades e os esforços desse jovem “geógrafo-educador”? Nem um nem outro. Ambos estão imbricados, cercados de referências do lugar vivido e do saber geográfico nas interrelações do conhecimento – do empírico ao teórico – e, portanto, científico.

Denis Castilho faz a interlocução entre o vivido em Heitorai-GO e o científico do conhecimento geográfico. Nessa interlocução, perpassa sua pesquisa por paisagens urbanas e rurais do mesmo município na busca do hibridismo (rural-urbano) e na procura da compreensão geográfica das pequenas cidades do Estado de Goiás.

O autor (re)significa o seu olhar e potencializa o seu pensar espacial em relação ao processo de modernização do território goiano. Ele compreende que Heitorai foi constituído enquanto município de espaço urbano e rural no berço das políticas e das transformações socioespaciais da modernidade/tradicionalidade do povo desta terra.

No presente livro, o autor envereda pela leitura geográfica urbana e, em especial, sobre as cidades pequenas e locais. E, dessa forma, insere nos parâmetros metodológicos e no caminho da compreensão, inclusive, do significado “subjetivo” dos companheiros heitoraienses a afirmação: Heitorai é uma cidade local inserida em uma rede de cidades da região, do estado, do país e até mesmo do mundo. Afinal, é só pensarmos nos filhos desse município que migraram em busca de uma outra vida, mas que permanece os vínculos históricos

das relações socioespaciais com o lugar vivido em sua maioria.

A obra de Denis, “*Tempo do espaço, tempo da vida: uma leitura socioespacial de Heitorai*”, tem também o mérito de nos fazer uma convocação para análise do lugar vivido objetivamente (socioeconômico) e subjetivamente (socioafetivo) mesmo, no imaginário daqueles que já conectaram com outros espaços vividos por necessidades e vontades.

O livro se destina a todos os filhos de Heitorai e aos estudiosos da Geografia que desejam contextualizar a vida entre o local e o global. E, também aos professores, sobretudo deste município para que possam ilustrar o vivido, resgatar a identidade e demonstrar que “quando a terra é fértil e bem cultivada, pode gerar bons frutos”. Em síntese, o livro está bem estruturado em três capítulos/momentos, numa linguagem acessível. E, com um livre fluir, apaixonado e comprometido com o lugar vivido e com o conhecimento geográfico. Com isso ganha a comunidade de Heitorai e a Geografia goiana um autor, já hoje em passos fortes para ser uma referência estadual no estudo geográfico de cidades pequenas.

Prof. Ms. Valney Dias Rigonato
Prof. de Geografia da UCG e filho de Heitorai

PREFÁCIO

João Heitor de Paula, pai do fundador de Heitorai pode estar, diante da transitoriedade dos espaços e dos territórios contemporâneos, imortalizado. Quem, cavalgando entre as cristas alongadas da Serra Dourada e as margens do rio Uru - canal fluvial que abasteceu a sede de mundo de Saint-Hilaire, poderia saber que naquele lugar iria nascer, como de costume, no envolto de uma capela cristã, a realidade socioespacial que Denis Castilho, olhando o cruzamento de velhos e novos tempos, de velhos e novos modos de vida, observa, problematiza, interpreta, deslumbra-se: Heitorai?

Além dos Guedes, Crisóstomos, Heitores, Campos, Limas, Borges, Mouras e Batistas, Denis Castilho fala do lugar aprendendo o seu próprio fundamento: dali ele nasceu para o mundo; ali o mundo lhe chegou recentemente, dada a sua pouca idade, interpelando a sua cabeça, fustigando a sua sensibilidade, reorganizando seus pertencimentos, desafiando a sua responsabilidade política como se, agora geógrafo, tivesse que retornar ao lar de que nunca saiu – e nem sairá, pois Heitorai é uma parte de si, do que foi e do que passou, do que será e do que nunca passará.

O espaço em que Denis brincava de bola, no cerne de uma vida interiorana, está em si e no além-mundo. O seu irmão, Padrinho, é morador de Goiânia; as suas duas irmãs são migrantes internacionais que, pelo tempo rápido da internet, traça um diálogo fraterno além do Atlântico.

Denim conserva a amizade com vários amigos de infância.

Devota ao pai e a mãe uma amorosidade que lhe sustenta a vida na metrópole; convida os amigos de Goiânia a acamparem nas margens do Uru, lembra Cajaré tomando suco de pinga, respeita os mais idosos e descobre que uma cidade local, como Heitorai, é um mundo onde a vida pulsa, as contradições sociais se sedimentam e clamam por compreensões e mudanças.

Eguimar Felício Chaveiro
Prof. Dr. do IESA/UFG

INTRODUÇÃO

Como compreender o município de Heitorai pela via do estudo socioespacial? O que fundamenta a paisagem simples desse município e como ocorreu a sua formação no contexto territorial goiano? Afinal de contas, se o nosso interesse é compreender a dinâmica socioespacial de Heitorai, que relação existe entre cidade e campo, entre o município e a região?

Responder estas questões não é tarefa fácil. Todavia, o estudo cuidadoso, sem a intenção de encerrar o assunto, alicerçado em propostas que levem em consideração os valores humanos e o sentido da vida, pode conduzir uma compreensão satisfatória. Estudar Heitorai, portanto, nos possibilita entender o seu espaço enquanto dimensão social - da vida. É por isso que mencionamos no título deste livro o termo “socioespacial”, pois ele nos mostra que a essência do espaço é social.

Pensar Heitorai ou trazer a sua realidade para o campo de nosso raciocínio, nos coloca diante de outras questões. Por exemplo, elementos como tamanho, localização, costumes e também o cotidiano, geralmente concursam para que Heitorai seja comumente relacionada a uma típica cidade “interiorana” - onde abriga a vida calma, a tranquilidade, o tempo lento etc. Estas representações, que geralmente são absolutizadas pelo senso comum, têm-se tornado pejorativas, o que impede o entendimento de novos contextos e de velhos sentidos que são constantemente transformados. A síntese é: somente pela forma ou pela aparência, não vemos claramente o que se passa.

Estes elementos (tempo lento, pouco movimento, vida interiorana) realmente existem em Heitorai. Contudo, elementos de uma nova conjuntura (das instituições financiadoras, da internet, do celular, do automóvel, da produção para mercados consumidores dinâmicos) imbricam àqueles da "tradição". Por isso, há que entendermos que, mesmo não sendo explícito como nas regiões metropolitanas, novas dinâmicas também ocorrem em Heitorai.

Como nos ensina Santos (1996), relativo às transformações do espaço sob uma lógica cada vez mais veloz, da mesma maneira há que compreendermos Goiás no contexto das mudanças rápidas, e não simplesmente pela via do tempo lento; compreender sua inserção nas redes e, concomitante, no novo cenário geopolítico mundial.

Pensar a cidade, conforme assinala Barreira (2002), nos coloca diante de sua relação com a região. Isso contribui com o entendimento, por exemplo, dos locais que dinamizam as regiões, numa múltipla relação de fenômenos em que lógicas distantes também influenciam os lugares. Do mesmo modo, Heitorai não é mais aquela localidade praticamente isolada. Ela está inserida nesse tempo da transformação rápida. Então, por mais que sua paisagem mostra um ritmo aparentemente lento, não significa que ela esteja fora de uma lógica que corta Goiás. Pelo contrário, a sua realidade tem relação direta com a volatilidade cada vez mais presente no território goiano. Diferencia-se, sim, no modo como os elementos do capitalismo globalizado se cruzam com os elementos da tradição. Portanto, algumas características do rural tradicional permeiam o espaço de Heitorai. Mas não é possível entender este município se menosprezarmos a sua ligação com os fenômenos da globalização.

A partir desses pressupostos, uma questão central norteará o nosso raciocínio: como a dinâmica socioespacial de Heitorai se constitui a partir de sua inserção no processo de modernização do território goiano? Além disso, no contexto contemporâneo, o que fundamenta a dinâmica socioespacial deste município e quais fatores nos permite explicá-la?

Propomos debater essas questões a partir da compreensão do processo de modernização do território goiano, da análise da paisagem e da interpretação da dinâmica socioespacial. Conforme há a necessidade de analisarmos a relação da cidade com o município, ou deste com a região, ora mencionaremos a cidade de Heitorai, ora o município.

Diante da necessidade de se compreender o território goiano em sua diversidade, este trabalho sobre o município de Heitorai soma-se a outros estudos no sentido de compreendermo melhor a realidade de cidades pequenas goianas, que se enumeram numa forte abrangência territorial.

Na classificação de Arrais (2004), por exemplo, dos 246 municípios goianos, 158 são pequenos. Ou seja, o território goiano, além de ser constituído por Goiânia, por algumas cidades com forte influência regional, pelo entorno de Brasília etc, também possui uma grande quantidade de cidades pequenas. Por isso, ter uma compreensão mais ampla do território goiano, nos remete a estudar, também, a dinâmica dessas cidades.

A leitura de Heitorai está estruturada em três momentos. No primeiro, apresentamos uma breve discussão teórica sobre o conceito de espaço urbano e analisamos, com auxílio de imagens, Heitorai a partir do conceito de Paisagem. Por isso a denominação “paisagem de Heitorai: entre o rural e o urbano”.

O processo de modernização do território goiano e a formação de Heitorai estão no segundo momento. Entender este município no contexto do processo de modernização de Goiás é elementar porque nos permie ir além da paisagem para compreendermos relações que se estabelecem no âmbito territorial. Mas afinal, que fenômeno urbano se desenhou nessa cidade? Para responder esta questão, desenvolvemos uma reflexão sobre as relações sociais, o modo de vida, as atividades e funções exercidas pela cidade na rede urban etc. Este último tópico do segundo momento de nossa leitura, portanto, abre o terceiro capítulo intitulado “Heitorai: uma leitura socioespacial”.

É o momento em que transcendemos a paisagem e entramos na abordagem territorial. Assim, analisamos os aspectos físico-territoriais e elementos da dinâmica socioespacial de Heitorai, tais como: posição, função, serviços e polarização - elementos necessários para dizer que Heitorai é uma cidade local. Ou seja, se na análise da paisagem, Heitorai aparece como cidade pequena, na perspectiva da dinâmica socioespacial, aparece como cidade local.

Discutimos também, no terceiro momento, a conformação socioespacial de Heitorai na lógica territorial contemporânea, a dinâmica territorial do campo e da cidade, as funções do Estado, o trabalho e a dinâmica demográfica. Também analisamos a estrutura de poder em Heitorai - que ainda mantém forte ligação com o campo, e tecemos considerações acerca da incorporação da cultura de massa e de algumas particularidades do espaço e do sujeito heitoraienses.

Por último, na proposta de continuação do debate e de abertura para novas leituras, estão as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O Espaço Urbano

O espaço é um guardião de tempos, por isso é histórico. Ou seja, uma formação socioespacial, como Heitorai, provém de processos, construções, reconstruções, dinamização e significação por diferentes sociedades (períodos históricos). Por isso, podemos afirmar que o espaço é o ponto de encontro de temporalidades diferenciadas. E ainda, é a soma do que já aconteceu (a história concretizada), mas também do que ocorre.

De acordo com alguns estudiosos, como Santos (1996), a essência do espaço é social. Nesse sentido, a sua compreensão passa pela sociedade e justifica a denominação *socioespacial*.

O local onde moramos, onde estudamos, onde trabalhamos e da mesma maneira, o ato de morar, de estudar, de trabalhar só é possível e só se concretiza por meio do espaço. Ou seja, o espaço é uma impressão da própria sociedade. É o resultado do trabalho, das disputas, da maneira como nos organizamos e em função das relações sociais de produção.

Portanto, nossa investigação sobre Heitorai passa pelo espaço. No entanto, o que dizer do espaço urbano? Como podemos lê-lo? O fato é que todo espaço urbano é estruturado e possui uma determinada organização. Isso significa que ele passou por processos e possui uma história, como assinalado por Castells (1983). Harvey (1989) também afirma que a cidade torna-se a grande forma moderna.

Estes estudiosos nos mostram que tudo que ocorre no mundo atual gira em torno da cidade. Por exemplo, por mais que a economia de um município seja constituída por atividades do campo, é na cidade

que ela se dinamiza, que ocorrem as negociações, os financiamentos, as inovações etc, e onde se encontra a grande parcela do mercado consumidor.

A cidade é a forma moderna de se viver da civilização contemporânea (Romano, 2006). É o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, o que levou mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo. Lefebvre (1999), mais preocupado com as questões relativas ao modo de vida e ao cotidiano construídos e transformados pela revolução urbana, mostra que a sociedade urbana constitui-se num modo de vida que tende a generalizar-se pelo mundo. E a maneira como as diversas atividades se entrelaçam no espaço urbano, expressam e dão origem às diferenças no modo de vida de seus habitantes.

As diferenças sociais, e também as desigualdades, se manifestam nas configurações do espaço urbano. Por isso é que uma cidade apresenta diferentes paisagens, tais como: o centro comercial, os bairros residenciais, as zonas periféricas etc. Elas, as diferenças, são produtos do trabalho e a localização de determinados pontos são frutos de relações sociais. Villaça (2001) afirma que a sociedade se associa ao espaço intra-urbano como um todo, pois, às relações de um determinado ponto do território urbano referem-se a todos os demais. Aqui a idéia é de conjunto. Os diferentes pontos do espaço urbano estão todos interligados.

Então, se o espaço urbano mantém sua estrutura de maneira conjunta, resta dizermos de que maneira podemos alcançar a compreensão de sua essência - do que realmente move a cidade. Corrêa (1997) nos mostra que o espaço urbano (a cidade) apresenta várias dimensões conforme avançamos em sua leitura. Este autor diz que, no decorrer do processo de investigação, num primeiro momento, o espaço urbano nos apresenta como fragmentado, num segundo, como articulado. No terceiro momento, o espaço aparece como reflexo da condição social. Representa, num quarto momento, um campo simbólico, onde aparece como condicionante social. Num quinto momento, apresenta como “lócus” da reprodução e da vida de diferentes grupos.

Este caminho metodológico nos auxiliará na análise do espaço urbano de Heitoraí. Vejamos detalhadamente cada momento.

Num primeiro momento do processo de investigação o espaço urbano se caracteriza por diferentes usos da terra. A cidade aparece como verdadeiro mosaico de núcleos: zonas comerciais, periféricas, residenciais, zonas com boa infra-estrutura e aquelas com ausência de equipamentos urbanos (asfalto, calçadas, iluminação etc). Os fragmentos são resultados dos diversos atores que modelam a cidade, a exemplo dos proprietários de meios de produção, comerciantes, industriais, proprietários fundiários, imobiliários, Estado e grupos sociais (Correa, 1997). Mas essa fragmentação não é estática, ela muda constantemente de acordo com o processo de produção do espaço que causa essa divisão de paisagens diferenciadas. Assim, há uma dinâmica modificadora de acordo com as necessidades do processo produtivo.

Conforme avançamos na leitura de uma cidade, o espaço urbano, num segundo momento, nos apresenta como articulado. Ou seja, na medida em que aprofundamos a investigação, é possível perceber que a cidade mantém suas diferentes localidades interligadas. Isso não é claramente apresentado às nossas vistas. Mas, os fragmentos e as paisagens diferenciadas são, na realidade, articuladas entre si. Estamos nos referindo a uma interdependência dos lugares. Segundo Corrêa (1997, p. 145), “as partes da cidade mantêm relações com os demais, ainda que sejam de natureza e intensidade variáveis”.

Aqui o espaço ganha unidade e, geralmente, na região central da cidade é que concentra o poder de decisão político-econômico dos diferentes núcleos do “mosaico urbano”.

Para ficar mais claro, podemos citar a circulação de veículos, de mercadorias e de pessoas, que dão a noção da articulação do espaço. Portanto, a relação entre as partes se dá por meio da circulação, das redes, dos processos e das relações sociais.

No terceiro momento, Corrêa (1997) defende que o espaço é também reflexo da sociedade. Porém, substituindo a palavra reflexo,

preferimos dizer que “o espaço é uma dimensão da sociedade”, ou, a “sociedade é uma dimensão do espaço”. Isto pois, não há separação entre sociedade e espaço, por isso o espaço urbano não é simplesmente um reflexo da sociedade.

Poderíamos dizer assim: é expresso na paisagem urbana “a complexa estrutura social de classes”. Aqui, concordando com Corrêa (1997), o espaço das cidades – como o de Heitorai – tende a ser dividido, segregado e desigual (áreas com melhores estruturas, áreas periféricas de baixa renda, áreas comerciais, de trabalho, de loteamentos etc). Portanto, a desigualdade social também é espacial. Da mesma maneira que a sociedade produz espaço, o próprio espaço também é um condicionante social. Este é o quarto momento da análise: o espaço como campo simbólico.

As obras, as formas, as construções de uma maneira geral - a própria estrutura num dado local - têm um significado e influencia as relações sociais e produtivas da população. Por exemplo, uma praça para o lazer, uma fábrica ou uma via de circulação rápida, além de influenciar o valor do solo, também influência a sociedade do entorno.

O espaço como campo simbólico possui significados que condicionam ações, modos, convivências etc. A organização socioespacial, então, diz respeito à estrutura e à sociedade que, por meio de sua ação, torna o espaço dinâmico. Estamos referindo justamente às formas e aos modelos da estrutura espacial. E se condicionam, são pois, guiados pelos conteúdos ideológicos. Neste caso, condicionam de acordo com as relações sociais de produção.

Produto mas também condicionante. O espaço, no quinto momento se apresenta como “lócus” da reprodução e da vida de diferentes grupos sociais. A partir do diálogo com Corrêa (1997), chegamos a conclusão que o espaço urbano é um campo simbólico de dimensões e significados variáveis conforme as relações sociais que o define. A sua leitura, portanto, passa pela forma (paisagem), mas também por sua formação e pelas relações que se estabelecem em diferentes escalas: no município, na região, no país e no mundo.

PAISAGEM DE HEITORAÍ: ENTRE O RURAL E O URBANO

No capítulo anterior apresentamos algumas noções sobre o espaço urbano e os passos que nos levam às diferentes dimensões da cidade conforme o nível da investigação. Estudar o espaço urbano de Heitoráí (e também o rural) nos reporta primeiramente a sua paisagem. Ou seja, ao que, primeiramente, nossos sentidos nos permitem identificar. Nessa perspectiva, o que esta cidade nos apresenta no primeiro momento da análise? Veremos, mas antes, abordaremos o conceito de Paisagem.

Paisagem: primeiro passo do estudo

A paisagem é a primeira instância da observação. Conforme assinala Santos (1988, p. 61), ela é tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. "Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes (as formas), mas também de cores, movimentos, odores, sons etc".

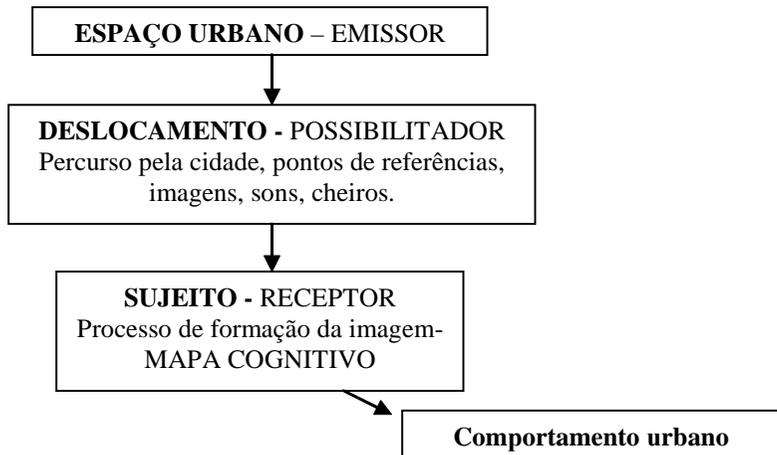
Na sociedade atual a paisagem também se mostra como uma "mentira espacial" (Santos, 1996). Além disso, ela pode confundir a verdadeira essência do espaço devido a espetacularização que se faz dele (Debord, 1997). Mas ela, a paisagem, por estar no nível aparente, mesmo escondendo algumas tramas sociais é um passo importante no estudo de um município.

Para Cavalcanti (2001), paisagem é o conjunto formado pelos objetos e sua disposição, pelos sons e odores, pelas pessoas e seus movimentos. Acrescenta que é por meio da observação atenta e

criterosa da paisagem que se obtém pistas para a compreensão do espaço.

A paisagem não deve ser compreendida meramente como uma materialidade concreta, mas também como manifestação da dimensão perceptível (do que percebemos) da dinâmica socioespacial. A aparência do real está diretamente vinculada à subjetividade, ao ângulo do olhar, às formas de perceber. Assim, o significado da paisagem está intimamente vinculado à dimensão senso-perceptível de quem observa. É a paisagem que aparece no âmbito da percepção (Tuan, 1983).

Fabregat (2006), discorre sobre o mapa mental, ou, mapa cognitivo. A formação de imagens, e, assim, do mapa cognitivo, ocorre em nossa mente. O mundo real é o emissor de signos, e o homem, o receptor. O espaço é incorporado ao sujeito através dos deslocamentos, do percurso pela cidade. Então, o mapa construído pelo sujeito gera um comportamento. É próximo ao que Corrêa (1997) versa sobre o espaço como condicionante social. Observe o esquema abaixo.



Adaptado por Castilho, 2006.

Dialogando com Cavalcanti (1998), é importante entender que na relação com a realidade, o sujeito social obtém representações através de diferentes maneiras, como, a partir dos conceitos, dos valores, de suas convicções, das imagens etc.

Como se observa, uma dimensão das representações sociais estão nas imagens enquanto percepção do sujeito. A realidade não nos chega somente através dos conceitos, mas também pelas imagens, pelos símbolos etc. Mas é preciso entender que este plano figurativo apresentado não se trata especificamente de fotos, figuras, imagens etc. Se trata da realidade representada pelo sujeito.

Rodrigues (1997), afirma que “ler a paisagem é muito mais complexo do que ver e perceber a paisagem”. Portanto, podemos considerá-la enquanto importante momento da análise geográfica (plano conceitual); enquanto dimensão de um espaço (plano real – materialidade concreta) e enquanto dimensão perceptível ligada à subjetividade (plano abstrato) (Castilho, 2005). Na verdade, o próprio olhar perceptivo da paisagem se confunde com o objeto (a paisagem em si). Por isso a afirmamos como momento da investigação e como uma dimensão do que se analisa. Nesse sentido, já que os “primeiros passos deste estudo” são pela paisagem, vejamos como Heitorai aparece nesse âmbito.

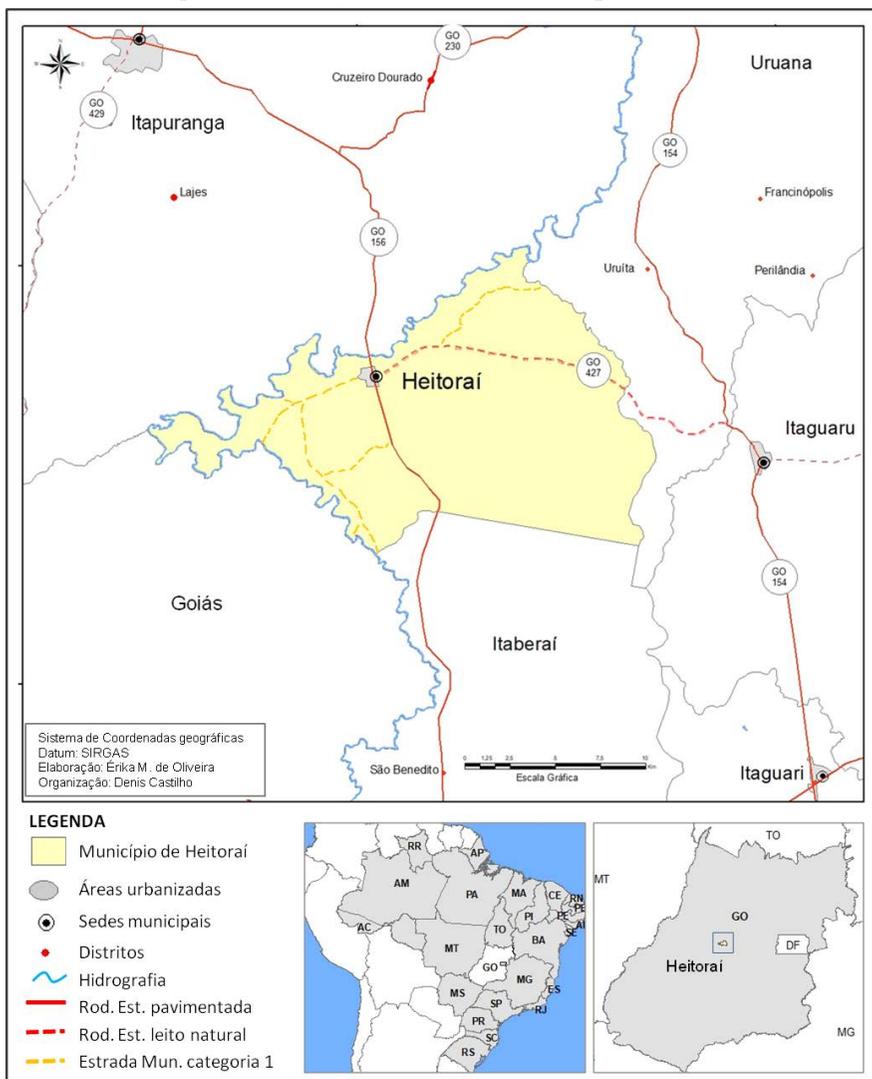
Paisagem de Heitorai: uma cidade pequena

Heitorai pertence à microrregião de Anápolis que integra, por sua vez, a mesorregião Centro Goiano. A sede municipal localiza-se na latitude sul 15°43’08’’ e na longitude oeste 49°49’45’’. Distância de 123 km de Goiânia e possui uma área de 229,666 km². De acordo com a Seplan (2005), possui uma população de 3.711 habitantes, com 2.224 residindo na área urbana e 1.487 na área rural. Tem como municípios limítrofes Itapuranga, Uruana, Itaberaí, Cidade de Goiás e Itaguaru (observe no mapa 1).

Andar por Heitorai, ver Heitorai, nos possibilita a seguinte impressão: Heitorai é uma cidade pequena! Essa afirmação é resultado do primeiro impacto da observação.

A partir de algumas imagens é possível levantar considerações sobre a paisagem de Heitorai e também alguns questionamentos. Importante observar que a imagem, como representação de paisagens espaciais (Pereira, Santos e Carvalho, 1998) ou como designação

Mapa 1 - Localização de Heitorai e municípios limítrofes



genérica de elementos não textuais (Ferreira, 2001), possui significados e representações a partir das formas de percepção. Isto dito, consideramos as imagens¹ como auxiliares no processo de estudo da paisagem, mas não como plena representação da realidade espacial (Castilho, 2006).

Portanto, o quê as imagens de Heitorai nos possibilitam dizer?

Fonte: Prefeitura municipal de Heitorai (2006).



Figura 1: imagem aérea de Heitorai

É possível elencar vários questionamentos e indicadores a partir da figura 1. A primeira impressão é que a cidade é pequena. Observe que ela não apresenta grandes edificações. Os destaques são das igrejas, dos galpões e do ginásio de esportes.

Outro fator logo vinculado à impressão é o quadriculado das ruas – bem delineadas, quadradas e retangulares. Nota-se que a rodovia margeia a cidade (ou o contrário?). O núcleo urbano está localizado na parte mais alta do interflúvio, por isso na parte inferior da imagem,

¹ Não no sentido da abstração (ou das representações), mas enquanto figuras, fotos etc.

logo após a rodovia, o solo se localiza em menor altitude. Mas, o que isso significa? Aqui, é possível elencar diversos elementos provenientes da paisagem de Heitorai: formas, tamanho, cores, movimento aparente etc.

Desde seu surgimento - de colônias agrícolas à povoado e deste a município emancipado, Heitorai mantém forte vínculo ao campo. Por isso, é uma paisagem híbrida entre o rural e o urbano. Se as relações de produção e se a dinâmica socioespacial urbana é imbricada ao rural, isso é expresso na paisagem.

Aqui podemos mencionar o leiteiro, a carroça, o pé de manga e a bananeira em grandes quintais, a tranqüilidade, o sossego, o hábito de sentar-se na porta de casa nos finais da tarde etc. Tratam-se de elementos e condições que simbolizam as tradições goianas e que existem no cotidiano de Heitorai.

A figura 2 mostra o pouco movimento. O número de bicicletas é alto. A frota de veículos com placas de Heitorai somam 510 (Seplan, 2006), sendo 210 automóveis, 212 motocicletas e o restante camionetas e caminhões.



Fotografias: Castilho (2006).

Figura 2: A) Av. Central. B) Av. Cel Heitor – Heitorai-GO

As imagens seguintes (figura 3) mostram a praça com a Igreja Católica, pit-dog e mercados com produtos básicos (açougue, frutaria, padaria etc.) que se constituem como elementos fáceis de serem notados na paisagem de Heitorai.

Fotografias: Castilho (2006).



Figuras 3: Praça Matriz , Pit-Dog – Praça da Rodoviária e Av. Cel Heitor

O que é possível dizer da história que a paisagem de Heitorai guarda? A expressividade da Igreja Católica no ambiente da praça matriz é um indicador da origem da cidade. Antiga Capelinha, construída por fazendeiros devotos, significa a ligação com o campo e com o caráter religioso-cristão. Algumas cruzes, por exemplo, nas proximidades da cidade indicam essa religiosidade. Ressalta-se aqui o papel das religiões na manutenção deste caráter. É fácil notar na paisagem de Heitorai a grande quantidade de Igrejas – principalmente as protestantes. Na cidade somam-se um total de 8 Igrejas (Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja de Cristo, Deus é Amor, Presbiteriana, O Brasil Para Cristo e duas igrejas Católicas). Observe na figura 4.

As casas com alpendres e, além do pé de manga, a erva cidreira, a jaboticabeira, etc. O que dizer da criação de galinhas? Durante a pesquisa - em entrevistas, sempre perguntava o por quê da criação de galinhas no quintal. As declarações foram muito parecidas. Alguns criadores justificavam que “as galinhas no quintal” é um costume e uma maneira de "ter as criações" por uma questão de manejo do quintal. Este fato significa que certos costumes do campo resistem. O antigo modo de reprodução da vida rural está no sujeito; é o espaço profundo/tradicional que ainda existe, tal como analisa Chaveiro (2005). Mas esses traços de um Goiás tradicional são permeados por elementos da globalização. Podemos citar o celular, a

internet, o automóvel, a ordenha mecânica, as máquinas agrícolas etc. O fato de moradores da “zona rural” comprarem produtos (frutas, verduras provenientes do CEASA-GO) nos mercados da cidade, indicam uma nova lógica: a do mercado. Não há mais aquela “fartura” em muitas pequenas propriedades, o que demanda o consumo nos mercados da cidade.

Num percurso por Heitorai é possível perceber esses elementos (tradicionais e modernos) mesclados na paisagem – carros e carroças; quintais grandes com galinhas e casas com muros altos etc. Veja os aspectos de algumas localidades na figura 5 e de alguns pontos de lazer na figura 6.

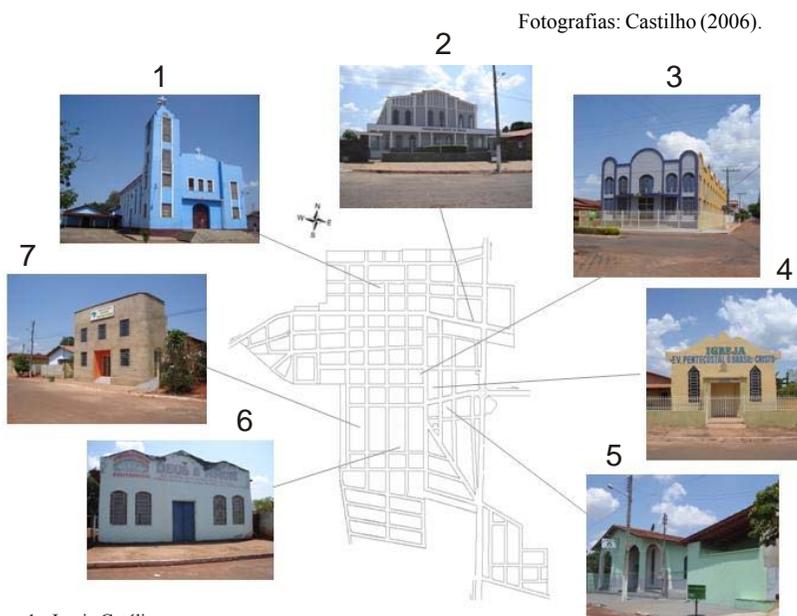


Figura 4: Igrejas de Heitorai em 2006

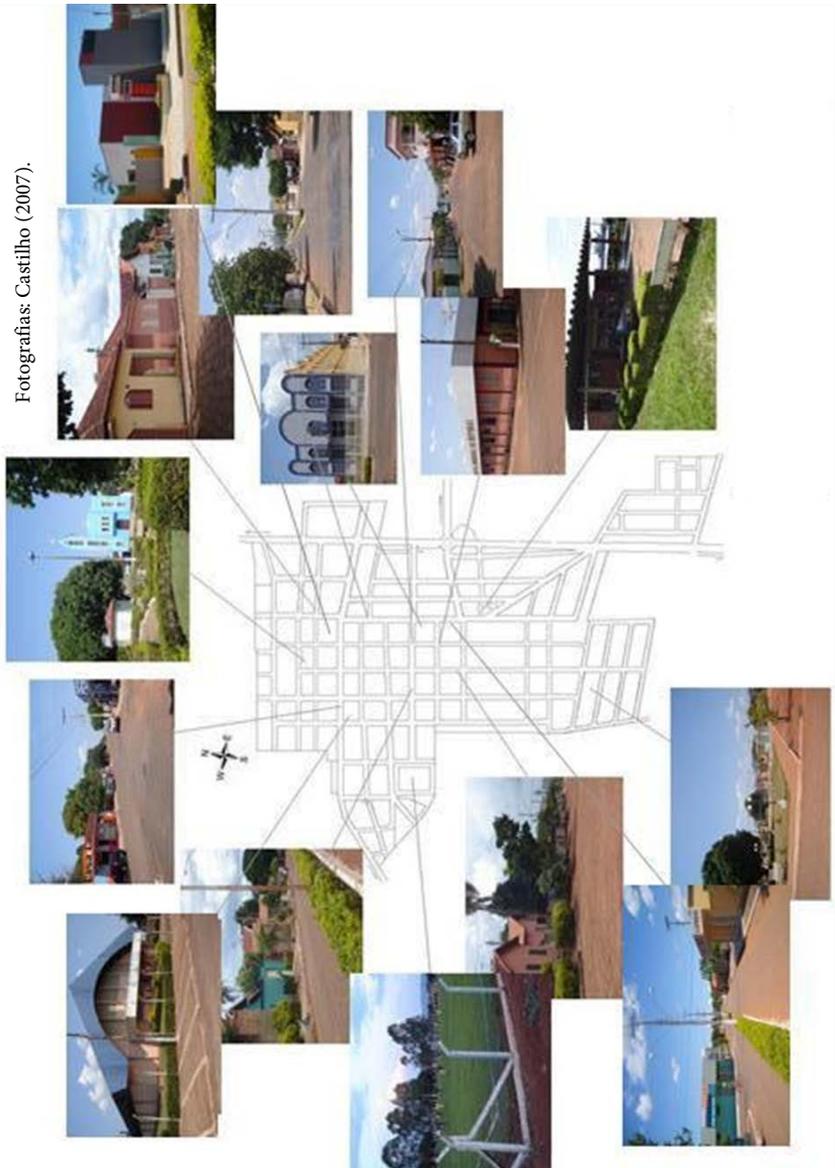


Figura 5: Aspectos da paisagem de Heitorai (2007)



Figura 6: Aspectos da paisagem de Heitoraí – alguns pontos de lazer (2007)

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE HEITORAÍ NO CONTEXTO TERRITORIAL GOIANO

A compreensão do processo de formação de Heitorai levamos a pensá-la no contexto territorial em que está inserida. Consideraremos, nesse sentido, o processo de modernização do território goiano, o qual foi decisivo para o surgimento e transformação de diversas cidades - incluindo Heitorai. Além disso, também analisaremos o processo de formação de Heitorai e o fenômeno urbano que se desenhou nessa cidade. Vejamos.

A modernização do território goiano e a dispersão de cidades

O processo de modernização que nos referimos é aquele que trouxe Goiás ao tempo da globalização. Partimos do pressuposto que, para compreendermos a atual configuração espacial de Goiás, é preciso, além da leitura socioespacial, tecermos uma leitura histórica de sua formação. A industrialização que ocorreu em Goiás, mesmo que voltada principalmente às atividades do campo, acabou por influenciar a formação da sociedade moderna.

A economia de Goiás, até meados do século XX, tinha um peso significativo da pecuária extensiva, da agricultura tradicional e camponesa. Houve um crescimento da população urbana verificado especialmente em 1960 (Gomes; Teixeira Neto & Barbosa, 2005). Mas foi na década de 1970 que “a população das cidades começou a superar a população residente no campo” (Arrais, 2004, p.18).

Porém, a mudança na base econômica, os incentivos estatais para a modernização da agricultura, a fim de promover o aproveitamento racional do cerrado, associado aos investimentos estatais em infra-

estrutura, a mecanização da produção etc, proporcionaram grande crescimento econômico nos anos 70 e 80. Isso beneficiou a participação de Goiás na economia nacional e internacional. Deus (2002, p. 177) afirma que a partir desses processos, Goiás “consolidase como moderna área de produção agroindustrial, após as alterações promovidas na sua base econômica, a partir dos anos 70, com espetacular modernização da produção agropecuária”. Nesse contexto, a implantação das rodovias foram primordiais, pois facilitou o acesso entre as cidades e conseqüentemente as trocas regionais (Barreira, 1997).

O predomínio do urbano sobre o rural no território goiano transformou as antigas relações que predominavam no campo, com grandes impactos sociais, e até mesmo psicológicos, nas populações dos diversos municípios (Deus, 2002b). Mas a modernização não ocorreu igualmente pelo território goiano.

Baseado em Estevan (2000), é possível elaborar uma síntese da configuração do mosaico social e produtivo de Goiás. Na região Sudeste do estado sobrevive à pecuária extensiva e a fazenda tradicional. Algumas pequenas agroindústrias têm ocasionado certo movimento em municípios como Pires do Rio. O turismo tem proporcionado algumas divisas em Três Ranchos. Nos municípios de Catalão e Ouidor, a mineração já atingiu sua escala de empregos.

Estevan (2000) também assinala que a recente transferência de indústrias de insumos agrícolas para a localidade, aproveitando o seu potencial mineral e a proximidade ao mercado consumidor, poderão trazer expressivas alterações nas características econômicas, sociais e ambientais do Sudeste do estado.

O Sul goiano apresenta uma forte presença da agroindústria e de sua exploração agropecuária. O turismo em Caldas Novas dá sinais de atingir seu nível máximo de rentabilidade e emprego, com possibilidade de menores investimentos no setor em Itumbiara. O Sul goiano, pelas suas características históricas, tende a ser um apêndice do Triângulo Mineiro e do interior de São Paulo. Com a extensão da agropecuária paulista há a possibilidade de investimento neste setor nesta região do estado (Estevan, 2000).

O Sudeste representa a região do cultivo intensivo no estado. A implantação das unidades da Perdigão e da Gessy Lever vem contribuindo para mudanças qualitativas na estrutura da região. Estevan (2000) também argumenta que, nos limites do território goiano, a região do Mato Grosso de Goiás se tornou a região problema, pois mais da metade da população do estado está localizado nesta porção de terra, que tem enfrentado graves problemas sociais. A chamada modernização do campo empurrou moradores de vários municípios para esta localidade, gerando inchaço urbano e sérios problemas estruturais. No entanto, esta região caracteriza-se como maior mercado consumidor do estado, permitindo a sobrevivência de pequenos produtores próximos a Goiânia e Anápolis (Estevan (2000)).

O Entorno de Brasília, segundo esse autor, também vivenciou intensivo deslocamento populacional em sua direção, acarretando graves problemas. No entanto, o Entorno oferece condições privilegiadas em termos de localização, pois sua proximidade com a Capital Federal lhe permite fácil acesso a um grande mercado consumidor, podendo viabilizar a pequena produção de bens e consumo imediato, a exemplo de leite, frango, verduras etc.

Na região Noroeste, o turismo aparece como uma grande possibilidade, na medida em que o Rio Araguaia oferece potencial de exploração organizada no setor que está extremamente distante da exaustão econômica. Há nesta região um considerável plantel de bovinos. Estevan (2000) assegura que as regiões Norte e Nordeste se mantiveram em sua característica econômica tradicional. Isteo é: com forte concentração fundiária, pouca produtividade e carência de elementos infra-estruturais.

As observações de Estevan (2000) demonstram o quanto o território goiano é diferenciado. Cabe acrescentar que, mesmo absorvendo fluxos da globalização, Goiás mantém em sua estrutura elementos da tradição, a exemplo da troca simples, mas isso não impediu que a hegemonia fosse da modernização, pois ocorreu de fato a transformação do território pela globalização ou, nos termos de Chaveiro (2004), a urbanização do sertão.

Nesse sentido, as antigas estruturas agrárias se transformaram e os camponeses sem posses ou arruinados migraram para as cidades com o objetivo de nelas encontrarem trabalho. Isso beneficiou ainda mais o processo de urbanização em Goiás. “As migrações campo-cidade favoreceram um forte processo de urbanização. Esse processo ocorreu em todo o país, porém foi mais intenso no Centro-Oeste, que será a segunda região mais urbanizada da Federação em 1980, com apenas 32,21 % da população morando na zona rural” (Deus, 2002, p.190).

Mesmo com os altos índices de urbanização, os traços rurais não foram extintos. Chaveiro (2004), ao discutir a história da urbanização de Goiás, afirma que ela se inicia vinculada a ruralidade sertaneja. E acrescenta que “a lógica de uma economia baseada na agropecuária sedimentou uma tipologia de urbanização em Goiás” (p. 100). Por isso, as cidades goianas possuem dinâmicas territoriais fortemente ligadas ao campo.

Estevan (2000) assinala que a distribuição da população pelo território goiano não é homogênea. Em regiões onde as modernas formas de organização espacial são mais evidentes, como no Sudoeste, Sudeste e Centro do estado, há uma quantidade maior. Isso, logicamente, não nos permite afirmar que a expressão da dinâmica territorial de um município é atribuída somente à quantidade de sua população. O fato de uma cidade do Nordeste goiano, por exemplo, ter pequena população não significa que não seja importante num sistema urbano regional (Castilho e Chaveiro, 2007).

Fato é que, além de influenciar a urbanização, o processo de modernização favorece a dispersão da informação e do consumo, o que contribui efetivamente com o surgimento de cidades. Em Goiás, muitas surgiram a partir de atividades coloniais (os arraiais), dos quais muitos desapareceram (Gomes; Teixeira Neto & Barbosa, 2005). Outras surgiram das atividades mineradoras, de fazendas, igrejas, estradas, rodovias, ferrovias etc (ibidem); também há aquelas que foram criadas por empresas e pelo Estado (Castilho e Chaveiro, 2007).

A dispersão urbana, principalmente a partir da década de 1970, tem forte relação com a modernização do território. Muitas aglomerações se tornaram cidades conforme a instalação de equipamentos, serviços e produtos. Relevante também foi (e é) o papel do Estado na formação de cidades por meio da transferência de recursos, da instalação de instituições entre outras ações. Também é fato que interesses eleitoreiros estiveram ligados a criação de muitos municípios.

Portanto, a modernização do território, por meio da atuação do Estado, da criação de infraestruturas, de novos modelos político-ideológicos etc, foi um importante elemento para o surgimento de cidades. Muitas, a exemplo de Heitoraí, Itapuranga e Itaberaí, tiveram suas emancipações antes de 1970, mas foi a partir desta década que diversos aglomerados passaram a ser, de fato, cidades. Em Heitoraí, as primeiras ocupações ocorreram no início do século XX. Mas, somente em meados deste século que se desenvolveu o povoado e, mais tarde, a “cidadezinha”. Veremos, a seguir, detalhes dessa formação.

O processo de formação de Heitoraí

Uma maneira de entendermos a atual configuração socioespacial de Heitoraí é por meio de sua memória. Ressaltamos, nesse sentido, o papel dos migrantes e das famílias que marcaram a história deste município. Estamos nos referindo aos sujeitos e atores sociais. Por isso, de maneira simples, apresentaremos os processos e acontecimentos basilares para a formação de Heitoraí.

No final do século XIX e início do XX, além dos trilhos na região Sul, um importante meio de ligação entre Goiás e outras regiões do país era o fluvial. Isso se explica pela pequena quantidade de estradas do período e suas condições impraticáveis de circulação. Na época, o brigadeiro Couto Magalhães adquiriu dois vapores (de navegação), os quais foram transportados em doze carros de boi até as margens do rio Ara-

guaia, em Aruanã. Uma família portuguesa (os Guedes) realizava atividades nesse Rio nos equipamentos da Coroa. Mas, após o fim do contrato, os vapores não foram mais utilizados.

Nascimento dos Santos et al (2006) assinala que, no início do século XX, após o término das atividades no rio Araguaia, a referida família (nas pessoas de Joaquim Guedes, Adolfo Guedes e Luiz Guedes) requereu cinco mil alqueires de terras devolutas do Estado ao governador da época Brasil Caiado. A terra abrangia toda a área onde hoje se localiza Heitoraí e partes do atual município de Itapuranga. A fazenda recebeu o nome de “Capim Puba”.

Após o desmatamento de algumas áreas, as primeiras atividades agrícolas estiveram ligadas à produção de café. Podemos mencionar, também, a cana-de-açúcar, que foi muito utilizada quando a família Guedes construiu uma fábrica de açúcar turbinada.

Na capital (Cidade de Goiás), o açúcar comercializado era o mascavo - de costume da época. Mas, como o açúcar produzido pelos Guedes era branco (devido a inovação das máquinas), sofreu rejeição ao ser apresentado aos comerciantes da capital. Devido a aparência, os compradores suspeitaram haver soda no açúcar. E assim, por não conseguirem vender a sua produção, os Guedes foram a falência. Diante do prejuízo, desfizeram de suas terras.

Esse foi um dos momentos decisivos para a formação de Heitoraí. Isto pois, a grande extensão de terras dos Guedes, por negociação e comercialização, foi dividida e mais famílias puderam ocupá-las. Primeiramente, por intermédio de Brasil Caiado, foi adquirida pelos irmãos Joaquim Crisóstomo e Francisco Crisóstomo. Na década de 1930, parte da fazenda Capim Puba foi vendida ao Joaquim José de Paula, que pertencia à família dos Heitores (também paulista e primo dos Crisóstomos). Em 1946, outra parte foi negociada (544 alqueires) com Maximandro, que logo revendeu ao Olavo Costa Campos. Assim, a terra foi se fragmentando em outras propriedades. Dentre esses “novos” proprietários, podemos mencionar algumas famílias: Limas, Borges, Mouras, Batistas, Rangels, Corrêas, Gamas entre outras.

Marcante também foi a formação das colônias e, juntamente, as lavouras de café. As famílias Campos, Crisóstomo e Paula, dentre outras, foram importantes produtores desse grão. Porém, as lavouras de café (que estavam em queda) logo deram lugar ao arroz e milho.

Na metade do século XX, a capital do Estado já não era mais a Cidade de Goiás e as políticas de ocupação do Centro-Oeste brasileiro (conhecida como Marcha para o Oeste) estavam em prática. Em outras regiões do Brasil, as notícias sobre a porção central de Goiás destacavam as terras baratas, férteis e a promessa de trabalho oferecido nas fazendas.

Conforme Teixeira Neto (2002) uma das regiões povoadas por grandes correntes migratórias, além da região Sul, foi o interior chamado de Mato Grosso de Goiás, e, após os arraiais do ouro, foram as atividades agropastoris que se responsabilizaram por esses fluxos migratórios.

Mais de trezentas famílias, vindas em sua maioria de Minas Gerais e Bahia, migraram para a região onde hoje encontra-se Heitoraí e constituíram as colônias (Nascimento dos Santos et al, 2006). Esse processo evidencia a força política tanto do governo estadual como federal e também a ligação com a elite latifundiária. A montagem dessa estrutura de poder também teve processo vinculado à ruralidade do território goiano, haja vista o papel das fazendas.

A religiosidade, evidenciada pela forte influência da Igreja Católica, também desempenhava importante papel na estrutura de poder. Nesse período (meados do século XX), a maioria da população era católica. Um dos fazendeiros da época, Joaquim José de Paula, por meio de promessa à “Nossa Senhora Aparecida”, doou na década de 1940 dois alqueires de terra próximo ao Rio Uru (margem direita) e ajudou a construir uma Capela (ibidem, p. 11).

Como afirmamos anteriormente, o declínio da produção de café deu lugar às lavouras de arroz e milho. Nesse período ainda haviam migrantes vindos de Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Paraíba, Pará, Rio Grande do Norte etc, para as colônias e também para arrendar ou meiar terras e formar suas próprias lavouras.

Nas fazendas já era difícil manter a grande quantidade de trabalhadores, o que se deve, também, ao surgimento de sindicatos. Como consequência, alguns proprietários diminuíram a produção de grãos e intensificaram a criação de bovinos. Muitos trabalhadores, mesmo continuando na condição de lavradores, foram morar no entorno da Capela. Segundo Nascimento dos Santos et al (idem), o primeiro morador foi o Sr. Onestino Correia. Após isso, o fazendeiro Joaquim José de Paula também passou a residir próximo a Capela.

Portanto, no município de Itaberaí, o povoado apelidado de Capela começa a surgir. Este é outro momento (década de 1950), o qual consideramos basilar para o processo de formação de Heitorai. Podemos sistematizá-los da seguinte maneira: *o primeiro momento*: quando os Guedes vendem suas terras e mais famílias ocupam-nas; *segundo momento*: a constituição das lavouras e a chegada de migrantes (formação das colônias); *terceiro momento*: a construção da capela e o surgimento do povoado. Estes momentos foram importantes porque a partir deles que se desenvolveram as bases para que Heitorai, mais tarde, pudesse ter uma dinâmica de cidade.

Já na década de 1950, em função do aumento de moradores no povoado e, conseqüentemente, de devotos católicos, iniciou-se a construção da Igreja Matriz ao lado da Capela. Foi feita com ajuda de fazendeiros, dos próprios moradores e de rendas provenientes das festas religiosas. Observe na figura 7 que o carro-de-boi foi importante meio de transporte no período da construção.

Fonte: Acervo pessoal da Sra. Abadia Rosa de Paula.



Figura 7: Construção da Igreja Matriz de Heitorai (déc. 1950)

A construção de uma Igreja maior significa que já havia uma comunidade constituída. O surgimento de um povoado, e como Santos (1979) afirmou, a constituição de uma aglomeração, exige que certas necessidades sejam satisfeitas por bens e serviços. Por isso, além da Igreja no lugar da capela, a população necessita também de serviços como educação e saúde, equipamentos, produtos básicos etc. Na década de 1950 haviam pequenos mercados, bares, farmácia, cabeleireiro e novas religiões. Os filhos de fazendeiros tinham professoras particulares em suas próprias residências. Mas, e os filhos de outras famílias? Nessa mesma década a prefeitura de Itaberaí construiu a primeira escola do povoado, o grupo escolar “Coronel João Caldas”. Esse grupo passou a receber o nome de Olavo Costa Campos - hoje é Escola Estadual.

Ponto fundamental no processo de formação de Heitoraí foi sua emancipação. Por meio da lei de criação 4.653, de 8 de outubro de 1963, deixa de ser povoado/distrito de Itaberaí e passa a ser, de acordo com a lei, um município. Em homenagem ao Joaquim José de Paula (por ter doado o terreno e ajudado na construção da Capela – onde iniciou-se o povoado), o primeiro mandato do município foi seu e o nome da cidade foi em homenagem ao sobrenome de seu pai: Heitor. As duas últimas letras de Itaberaí juntaram-se a esse sobrenome e formou-se o nome da cidade: Heitoraí. Esse termo, portanto, guarda um costume da época: o de homenagear o pai, indicando uma estrutura social fortemente assentada no papel masculino. Soma-se a isso, ainda hoje, o fato de muitos filhos receberem o nome do pai (Fulano “Filho”, Fulano “Júnior”, Fulano “Neto”); o que não acontece com as mulheres e suas respectivas mães (Fulana “Filha”, Fulana “Neta”). Esse assunto mereceria uma discussão detalhada, o que pode ser feito em outro momento.

Mas o fato é que, mesmo com a emancipação do município, a “nova cidade” continuou predominantemente rural, não sendo, de fato, cidade. De acordo com Souza (2005), a vida econômica de um povoado gravita em torno da agricultura e da pecuária; o comércio e os serviços (bens de consumo rotineiro) são simplérrimos e voltados para o abastecimento local. Já na cidade, a vida econômica é diversificada; surgem novos estabelecimentos

comerciais. Nesse caso, mesmo reconhecida legalmente como cidade, a dinâmica socioespacial de Heitorai – recém emancipada - vinculava-se fortemente às atividades do campo. O modo de vida, o trabalho, o cotidiano, nesse sentido, eram essencialmente rurais. Na própria estrutura de poder, a figura do fazendeiro era muito forte. Cita-se, também, o papel do padre, do benzedor, entre outros notáveis (Santos, 1993). O tempo lento era hegemônico. O carro, a TV, as máquinas agrícolas eram raríssimos no município. Além do mais, as vias de acesso tinham más condições. Ou seja, destacava-se a carroça, o cavalo e o carro-de-boi. As relações com as cidades vizinhas e com Goiânia, nesse sentido, eram bastante elementares.

Porém, os repasses do Estado ao “novo município” atraíram mais habitantes e proporcionou mais serviços. Novas instituições foram implantadas, a exemplo da Escola Municipal Alcides Rangel, inaugurada em 1966, que passou a ser, em 1967, Estadual e recebeu novo nome: Colégio Estadual Dom Abel.

Os atores sociais se diversificaram. Juntaram-se aos notáveis tradicionais (fazendeiro, padre, curandeiro), os professores, o tabelião, os farmacêuticos, os comerciantes, os pequenos industriais e, com as novas religiões, os pastores, cooperadores e missionários.

Na passagem da década de 1960 para 1970, a população urbana de Goiás começa a superar a rural. Tempo em que o campo tornou-se mais produtivo e milhares de trabalhadores rurais passaram a residir nas cidades (êxodo rural). Em Heitorai também foi um período de ascensão da população urbana e declínio da população rural. O trator possibilitou novas formas de produção, o automóvel deu novo sentido à circulação e o rádio exerceu importante papel na informação. Nas residências, um símbolo da transformação que se passava foi a substituição da privada (“casinha”) pelo vaso. São elementos simbolizadores da nova lógica que alcançava municípios como Heitorai.

Segundo Nascimento dos Santos et al (2006), em 1977 é construído um posto de saúde, em 1978 a prefeitura municipal, 1983 uma nova escola Estadual – Joaquim Teodoro de Souza e, em 1987, o Hospital municipal. As funções do Estado e Município foram ampliadas.

Na década de 1980 a população de Heitorai alcançou 3.283 habitantes, sendo 1.833 urbanos e 1.450 rurais. A taxa de urbanização era de 55,89 %. Portanto, por mais que a população urbana fosse maior, ainda haviam muitos habitantes residindo no campo.

A concretização das funções do Estado e Município foram primordiais para a formação de Heitorai: é o *quarto momento*. Aqui entra a emancipação e a implantação de instituições estaduais, a exemplo do colégio e da delegacia. Na metade da década de 1980, com a pavimentação da rodovia estadual GO 156, que liga Heitorai à Itaberaí, estabeleceu-se novas relações do município com outras cidades. Observe nas imagens da figura 8 o arranjo espacial da cidade de Heitorai na década de 1980:



Fonte: acervo pessoal da Sra. Olinda Teodoro.

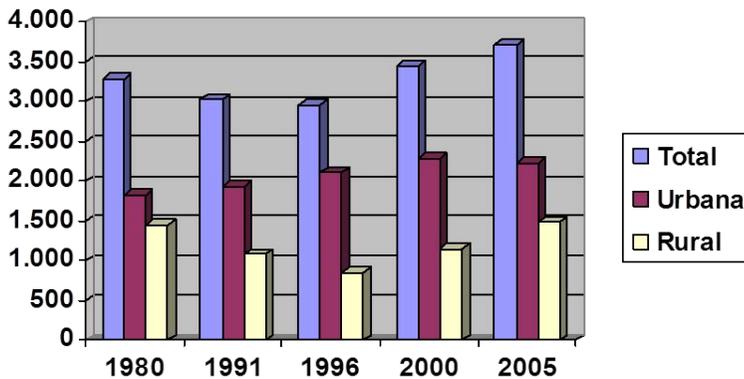


Figura 8: Heitorai (déc. 1980).

A) imagem aérea da cidade; B) Rodoviária; C) Praça da Matriz e Igreja Católica

O campo passou a ser mais produtivo, em consequência menos habitado. Conforme demonstra o gráfico 1, de 1980 para 1996 a população urbana aumentou, porém, o declínio populacional dos residentes rurais foi maior. Por isso, houve uma diminuição no total de habitantes. Isso ocorreu porque significativa parcela de residentes rurais não migrou necessariamente para a cidade de Heitorai, mas principalmente para Goiânia.

Gráfico 1 – Heitorai: população residente (1980 - 2005)



Fonte: SEPLAN / IBGE (2006).

Org.: Denis Castilho.

De 1996 para 2005 a população rural aumentou. Esse fato relaciona-se ao Movimento dos Sem Terra (MST). De acordo com a Superintendência Regional do INCRA (Seplan, 2006), 91 famílias foram assentadas por meio da reforma agrária em 2.996,2030 ha de terras no município de Heitorai. Foram 5 projetos de assentamento: Bom Jesus, Lagoa Grande, Brumado I, Margarida Alves e São Bento. Nas últimas décadas, o balanço demográfico demonstra uma sedentarização da população. Esse fenômeno será melhor analisado no próximo capítulo.

Portanto, a dinâmica socioespacial de Heitorai tem relação com os quatro momentos de sua formação destacados até aqui. É importante destacar que, a partir das décadas de 1980 e 1990, a relação do município com outras cidades aumentou.

O fluxo de informações, pessoas, produtos e bens também aumentou, evidenciando novas lógicas territoriais para o município. No período contemporâneo (início do século XXI) nos deparamos com a cidade apresentada no primeiro capítulo. Nessa altura das discussões, sabe-se que configurou-se um fenômeno urbano em Heitoraí. Mas que tipo de urbano? o que faz dela uma cidade?

O que faz de Heitoraí uma cidade?

Mediante o crivo legal, cidade é a área delimitada como urbano nos municípios brasileiros onde fica a sede. Sendo emancipada por lei, o nome da sede é também o nome do município. Os povoados ou vilas são considerados como urbanos, mas somente o núcleo urbano da sede de um município é cidade. Essa classificação é feita pela união e pelo IBGE. Baseia-se em dados e critérios que ajudam a definir limites. Ou seja: a cidade (considerada urbana) termina no perímetro urbano. De acordo com essa classificação, portanto, Heitoraí é uma cidade desde 1963, ano de sua emancipação política. Porém, quando objetivamos compreender as relações e atividades desenvolvidas em Heitoraí, o referido critério não é o suficiente para dizer, em termos socioespaciais, se trata-se de um núcleo de povoamento eminentemente urbano.

Conforme Deus (2002b), há autores, como Martine (1994), que consideram como cidades apenas as aglomerações com 20.000 ou mais habitantes. O parâmetro para a análise do crescimento populacional, feito por Martine, quando aplicado em Goiás, exclui a esmagadora maioria das cidades, considerando partes do território goiano como imensos vazios urbanos. Nas regiões com baixas densidades, como é o caso de Goiás, este padrão distorce a realidade, pois desconsidera as influências que “pequenas” cidades exercem em uma determinada área, podendo até abranger diversos outros municípios (ibidem).

Portanto, se pensarmos em um número ou limite para definir cidades em Goiás, a grande maioria acabaria sendo considerada como vazio urbano.

Alguns economistas neopositivistas, por adotarem modelos globais de classificação de cidades, questionam o critério oficial de classificação de urbano e rural no Brasil. Veiga (2002), por exemplo, ao defender a tese que o Brasil é menos urbano do que se calcula, diz que, ao contrário das definições oficiais, muitas cidades brasileiras de pequeno porte, não são de fato urbanas. Existe no Brasil um certo exagero na definição de seu grau de urbanização. Por isso, o autor propõe outra classificação pautada em procedimentos estatísticos e na densidade demográfica. Para uma localidade ser considerada urbana é necessário ter uma densidade de 150 habitantes por quilômetro quadrado. O autor também aponta que quanto mais artificial for um dado espaço, menos rural ele é. Ora, em muitas cidades goianas o meio rural é praticamente transformado e artificial, o que não deixa de ser espaço rural. O que ocorre é uma transformação desse espaço pela introdução de novas técnicas e das modernas formas de produção.

A classificação proposta por Veiga (2002) nos faz correr o risco de simplificar a realidade goiana, já que nesta Unidade da Federação a densidade demográfica é menor que nas Unidades Federativas do Sudeste do país. Além do mais, o fenômeno urbano se diferencia nas regiões brasileiras. Por exemplo, uma cidade com 5 mil habitantes em Goiás não tem a mesma dinâmica territorial que uma do mesmo porte em São Paulo.

Portanto, há a necessidade de fundamentos que não se restringem à quantidade de habitantes. Cidade é a dimensão concreta. Pensar o urbano significa ponderar a dimensão do humano. Ou seja, o urbano é o modo de vida. A cidade é a materialidade, o resultado concreto desse modo de vida. A descoberta da essência significa a descoberta do urbano. Essa forma de pensar o urbano como modo de vida é defendida por Lefebvre (2001). Ele afirma que:

talvez devêssemos introduzir aqui uma distinção entre *cidade*, realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico – e por outro lado o “urbano”, realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou

reconstruídas pelo pensamento [...] O *urbano* assim designado parece poder passar sem o solo e sem a morfologia material, desenhar-se segundo o modo de existência especulativo das entidades, dos espíritos e das almas [...] (p. 48-49, grifo do autor).

Chaveiro (2001) demonstra que a realidade urbana tem sua concretização substantiva na cidade. Para esse autor, o atual período histórico, de proeminência do urbano, resulta de processos que cruzam economia, demografia, política, espaço, tempo, subjetividade, moral, ética, classes, tecnologia, técnica, virtualidade e outros. Esses processos, no nível de implicação que têm um sobre outro, torna o fenômeno urbano complexo de uma maneira nunca antes vista na história, incidindo espacialmente também de maneira complexa naquilo que é a sua expressão material mais tangível: a cidade (ibidem).

Da metrópole às cidades locais encontramos variações das manifestações urbanas. Por isso não podemos conceber a mesma idéia de urbano para uma Metrópole e para uma cidade local. Se o padrão fosse o mesmo, realmente muitas “cidades” não seriam, de fato, cidades ou urbanas.

Santos (1979) afirma que, para que exista uma cidade “deve haver necessidades que exijam ser satisfeitas regularmente - necessidades quase sempre impostas de fora da comunidade - mas é necessário, por outro lado, que exista criação de atividades regulares especialmente destinadas a responder a essas necessidades” (p. 71).

Segundo Souza (2005), diferentemente dos povoados e vilas - que muito se confundem ao campo, “as cidades possuem uma certa centralidade econômica” (p.26). Sua área de influência pode, muitas vezes, não ir além dos limites municipais. Todavia, acrescenta o autor: “basta ela polarizar economicamente o seu entorno imediato [...], para que sua área de influência seja digna de nota. A cidade é, sob o ângulo do uso do solo, ou das atividades econômicas que a caracterizam, um espaço de produção não agrícola, de comércio e oferecimento de serviços” (p. 27).

É também um centro de gestão do território - aqui entram sedes de órgãos, de empresas, instituições governamentais, prefeitura, igrejas etc. São na cidade que se localizam os centros religiosos e políticos. Souza (idem) comenta que “uma cidade não é apenas um local que se produzem bens e onde esses bens são comercializados e consumidos, e onde pessoas trabalham; uma cidade é um local onde pessoas se organizam e interagem com base em interesses e valores os mais diversos” (p. 28). Isso significa que não podemos nos prender somente a quantidade de habitantes para explicar a dinâmica socioespacial de uma cidade.

Portanto, mesmo possuindo poucos habitantes, Heitorai é uma cidade, mas que tipo de cidade referimos? Santos (1979) afirma que, se há necessidades satisfeitas por bens e serviços, temos um fenômeno urbano: a cidade local. Mesmo estando na periferia de um sistema urbano, ela facilita o acesso da população aos bens e serviços, os quais são básicos. Nesse sentido, Heitorai é uma cidade local.

Corrêa (1999) demonstra que a “elevada ocorrência de pequenos centros deriva, de um lado, de uma necessária economia de mercado, *por mais incipiente que seja*, geradora de trocas fundamentadas em uma mínima divisão territorial do trabalho” (p. 45, grifo nosso).

Então, a própria idéia de *cidade local* (que explicaremos no tópico “Heitorai: uma cidade local”) explica que cidade estamos nos referindo. É por isso que concordamos com Santos (1979) ao defender que não há dualismo entre Metrópole e Cidade local, mas sim contrastes, diferenciações e imbricações. Por ser manifestação de um fenômeno urbano específico, Heitorai, portanto, é uma cidade local.

UMA LEITURA SOCIOESPACIAL DE HEITORAÍ

A abordagem sobre a paisagem, a análise do processo de modernização do território goiano e da formação de Heitorai possibilitaram chegarmos aqui, em um momento que se torna possível discutir o território. Portanto, a partir de agora, nossa proposta é apresentar uma análise mais profunda e detalhada sobre Heitorai. Para isso, analisaremos também os elementos físico-territoriais (incluindo a morfologia urbana) e, assim, as interações territoriais que montam a dinâmica socioespacial deste município.

Uma leitura físico-territorial

O município de Heitorai possui 229,666 km². Conforme a figura 9, é constituído por topografia plana com leve ondulação (0 a 4 % de declividade), algumas áreas onduladas (4 a 10% e 10 a 17% de declividades) e algumas serras (entre 25 e 45% de declividade).

O relevo do município possui uma topografia entre plana e ondulada em direção ao norte, onde se encontra o rio Uru (área mais baixa), e irregular na porção sul. Isto é possível de ser observado na altimetria do município em formato digital (figura 10).

Figura 9 – Município de Heitorai: Declividade

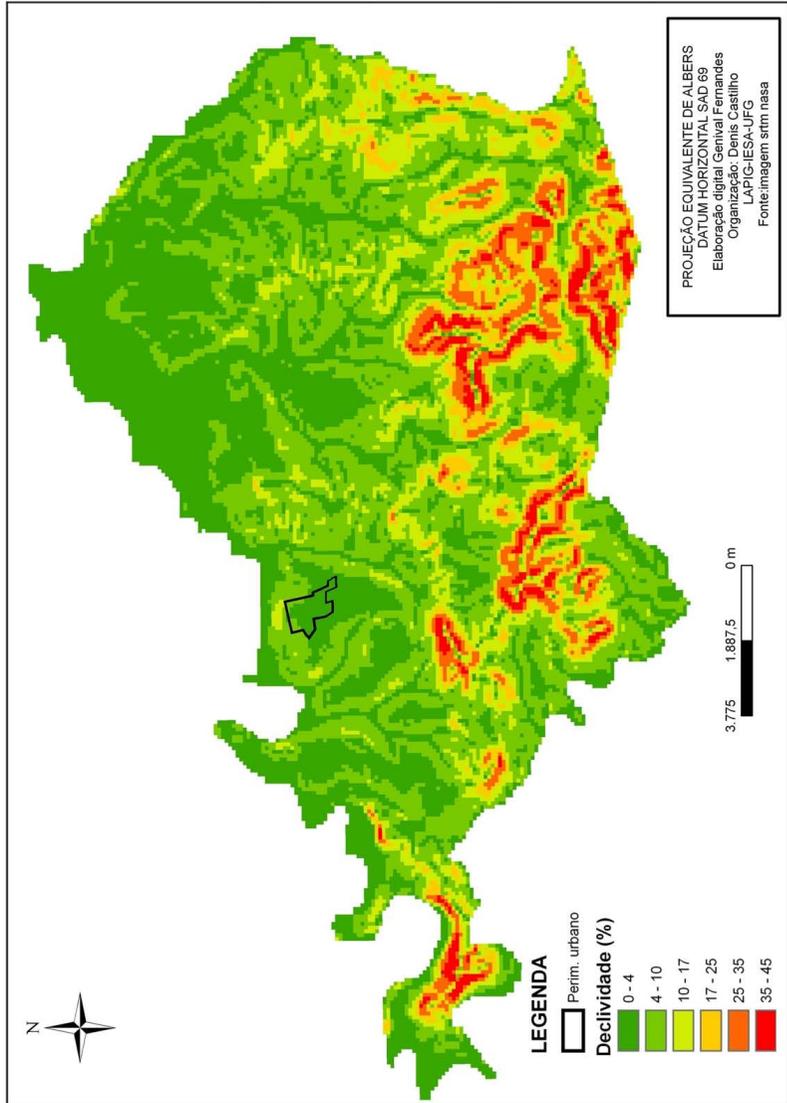
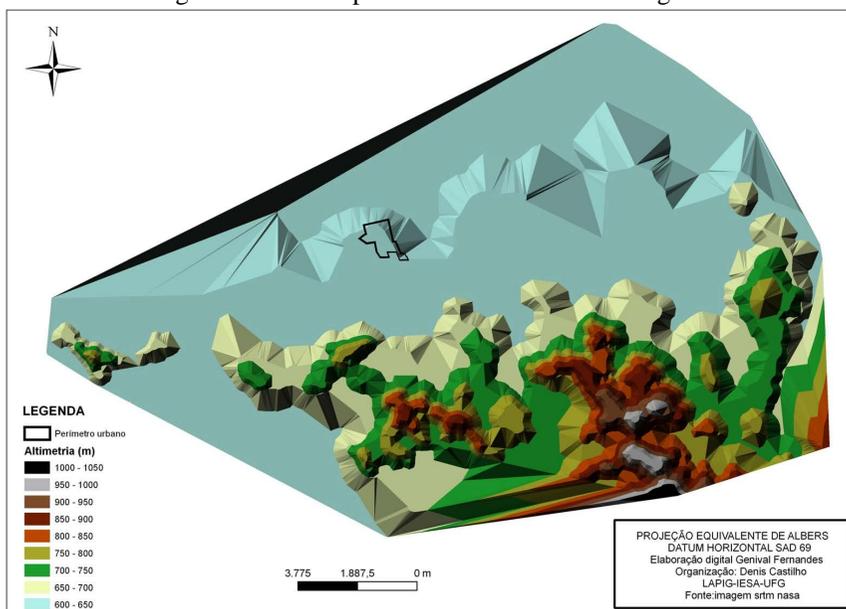


Figura 10 – Município de Heitorai: Altimetria Digital



No que tange aos solos, grande parte do município é formado por *latossolo*, que encontra-se principalmente na porção norte do município, onde a área é mais plana com leves ondulações. Há também os *chernossolos*, *cambissolos* e *argissolos* (figura 11).

Os latossolos apresentam avançado estágio de intemperização e são profundos. Têm cores entre vermelho e vermelho-escuro. Em Heitorai são vermelhos, o que indica a presença do mineral Hematita (óxido de ferro) e pequena quantidade de arenitos. Estes fatores caracterizam sua fertilidade, porém, em algumas áreas tem PH (potencial de hidrogênio) abaixo de 7 - ácido. Isso demanda, para a prática agrícola, a necessidade de correção do PH do solo por meio da adição do calcário. Este procedimento é denominado calagem.

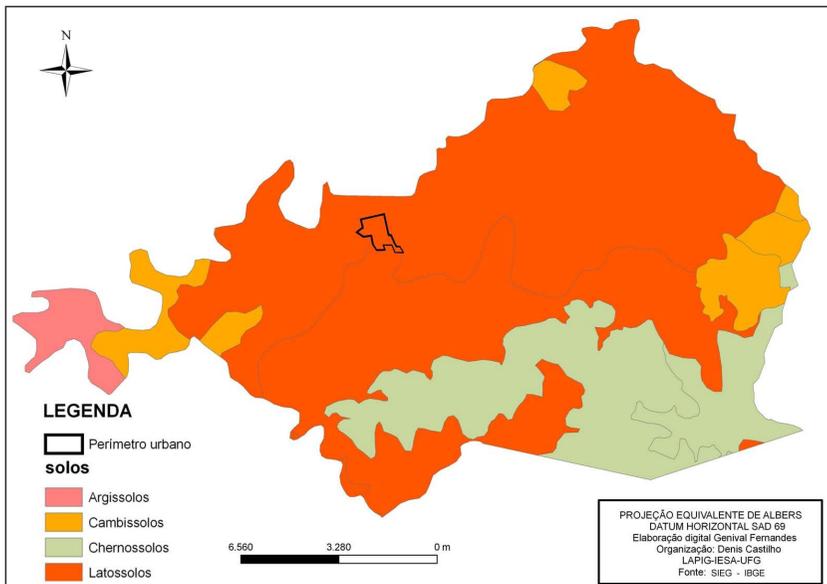
Os chernossolos são mais claros que os latossolos. A drenagem neste tipo de solo é relativa, podendo ocorrer ou não. A acidez é moderada, pois, são mais alcalinos (PH acima de 7). Em Heitorai os chernossolos se encontram na porção do município onde o relevo é mais irregular.

Em pequenas áreas, onde é plano, proporciona alta produtividade de culturas como o arroz.

Os cambissolos, por serem solos jovens, são pouco profundos e cascalhentos. Além de ácidos, possui pouca argila acumulada e drenagem moderada. Têm ocorrências em pequenas áreas nos extremos leste, oeste e norte do município.

Por último, os argissolos, são mais rasos que os latossolos e mais profundos que os cambissolos. Este tipo de solo, que possui moderada fertilidade, é o que menos ocorre em Heitorai, estando concentrado no extremo oeste do município, às margens do rio Uru. Observe o mapa de solos na figura 11.

Figura 11 – Mapa de solos do município de Heitorai

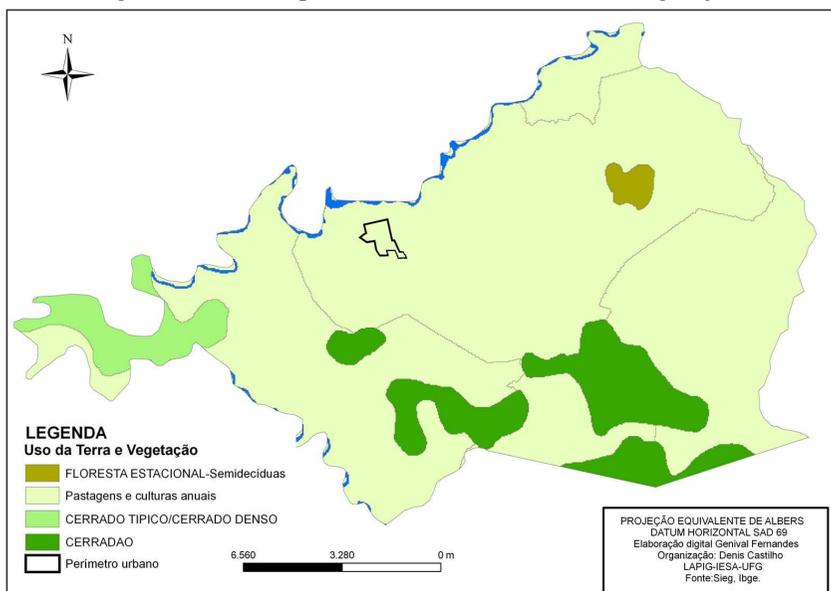


Em decorrência dos solos férteis – o que é uma característica da mesorregião Centro Goiano (antigo Mato Grosso Goiano), a vegetação, no município, é constituída por Cerradões, florestas estacionais ou semidecíduais (matas secas), cerrado típico ou *stricto sensu* e matas úmidas (ciliares). Conforme a figura 12, os cerradões estão, principalmente, na porção sul do município, onde há

chernossolos e maior declividade. Das matas secas, que cobriam grande parte do município, restam apenas manchas e uma pequena área na parte nordeste. O cerrado típico encontra-se no extremo leste, em terreno mais irregular (ramificação da Serra Dourada), onde há argissolos.

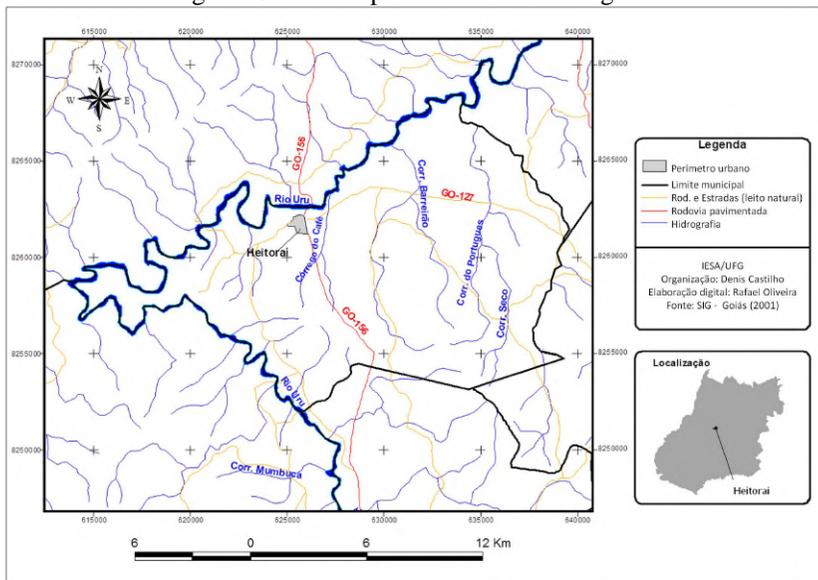
Como a principal atividade que se desenvolveu e se desenvolve em Heitoraí é a agropecuária, grande parte das matas foram derrubadas para formação de lavouras e pastagens. Da cobertura original, restam apenas manchas nas propriedades, ao longo dos cursos d'água (matas ciliares) e nos terrenos irregulares. Ainda restam algumas áreas com cerrado *Stricto Sensu* e cerradão pelo fato de se encontrarem em relevos fortemente ondulados (serras) e proximidades, onde as atividades agropecuárias são menos comuns. Porém, culturas como a de banana, já vêm causando desmatamentos também em áreas com maior declividade. A figura 12 demonstra os usos da terra e as principais áreas onde restam formações nativas.

Figura 12 – Município de Heitoraí: usos da terra e vegetação



Como mostra o mapa hidrográfico (figura 13), o município é banhado por diversos córregos, entre eles podemos citar o do Café, Olaria, do Laranjal, Seco, do Barreiro, do Barreirinha, da Vargem, da Fatura, da Aroeira, do Português, das Posses, Campo Alegre e das Lajes, os quais são afluentes do Rio Uru². O município se posiciona à margem direita deste Rio, que se constitui como um dos principais berços da bacia do Tocantins.

Figura 13 – Município de Heitoraí: Hidrografia



Mesmo tendo uma área pequena, o município possui uma drenagem significativa. Isso influencia o valor da terra e os tipos de uso e ocupação. Por exemplo, como demonstra a figura 12, nas proximidades do rio Uru há intensas atividades agrícolas, como melancia, maracujá, banana e cana-de-açúcar. Além disso, recentemente muitos proprietários das proximidades do rio estão loteando suas margens para campings e pousadas. Isso causa uma especulação imobiliária nas margens e restringe o acesso ao rio. Os modos indevidos do manejo das lavouras e a ocupação indevida

² O nome é proveniente do tupi-guarani: Uru significa uma “ave galiforme da família dos fasianídeos” do centro-sul e oeste do Brasil, que viviam em pequenos bandos no chão. No período em que os índios habitavam esta região, haviam muitas destas aves (parecidas com galinhas) nas proximidades do rio que, portanto, recebeu o nome de Uru.

podem trazer fortes agravos ambientais para o ecossistema do rio. Por isso, há que desenvolvermos uma educação ambiental demonstrando as maneiras corretas de uso e ocupação dos diferentes ambientes naturais e ainda, como nos apresenta Rignonato (2005), valorizar o cerrado na proposta de destacar suas fitofisionomias e suas potencialidades culturais. Aqui mencionamos a importância das espécies nativas e principalmente das veredas, que são formam áreas protegidas por lei. Construir uma consciência ambiental envolvendo estudantes, professores, trabalhadores, fazendeiros, administradores municipais etc, pode suscitar ações de valorização e defesa do que resta do cerrado. Por isso a importância de eventos como a “Descida Ecológica do Rio Uru”, que se soma à outras mobilizações, como seminários desenvolvidos por professores nas redes de ensino e na comunidade.

A montagem da estrutura fundiária, como mostramos no capítulo anterior, teve início no século passado. A posição de Heitoraí na mesorregião Centro Goiano (antigo Mato Grosso goiano) explica, além das políticas de ocupação do território, a vinda de migrantes (fazendeiros e camponeses) para ocuparem as “áreas férteis do cerrado”. Como mostra o mapa de uso da terra e vegetação (figura 12), a porção central do município (onde há maior concentração de latossolos) foi a mais explorada e onde concentra a maior quantidade de propriedades rurais. Veja a atual distribuição na tabela 1:

Tabela 1 – Heitoraí: Estrutura fundiária (2003)

Propriedade	Quantidade	Área total (há)
Pequena (0 a 80 ha)	178	5.114,20
Média (> 80 a 300 ha)	50	8.436,70
Grande (> de 300 ha)	17	8.909,80

Fonte: SEPLAN / INCRA (2006).

Elaboração: Denis Castilho.

Nota-se que a quantidade de pequenas propriedades é maior que a quantidade de médias e grandes propriedades. Porém, as 17 grandes propriedades somam uma área maior que as 178 pequenas. 8.909,80 ha para as primeiras e 5.114,20 ha para as segundas.

Do total de 22.460,7 ha, a terra em Heitoraí, é utilizada para

pastagens, lavouras permanentes e temporárias e lavouras em descanso, que somam 19.721,7 ha. Portanto, da cobertura vegetal restam 2.739 ha (veja na figura 12 apresentada anteriormente). Veremos em tópicos posteriores que essa estrutura do espaço rural tem papel fundamental na dinâmica socioespacial de Heitoraí.

O perímetro urbano do município dista a 500 metros do Rio Uru. Apesar dessa proximidade, é o Córrego do Café (figura 14) que abastece a cidade, já que o consumo (ainda) não exige a vazão de um rio.

Fotografias: Castilho (2006).

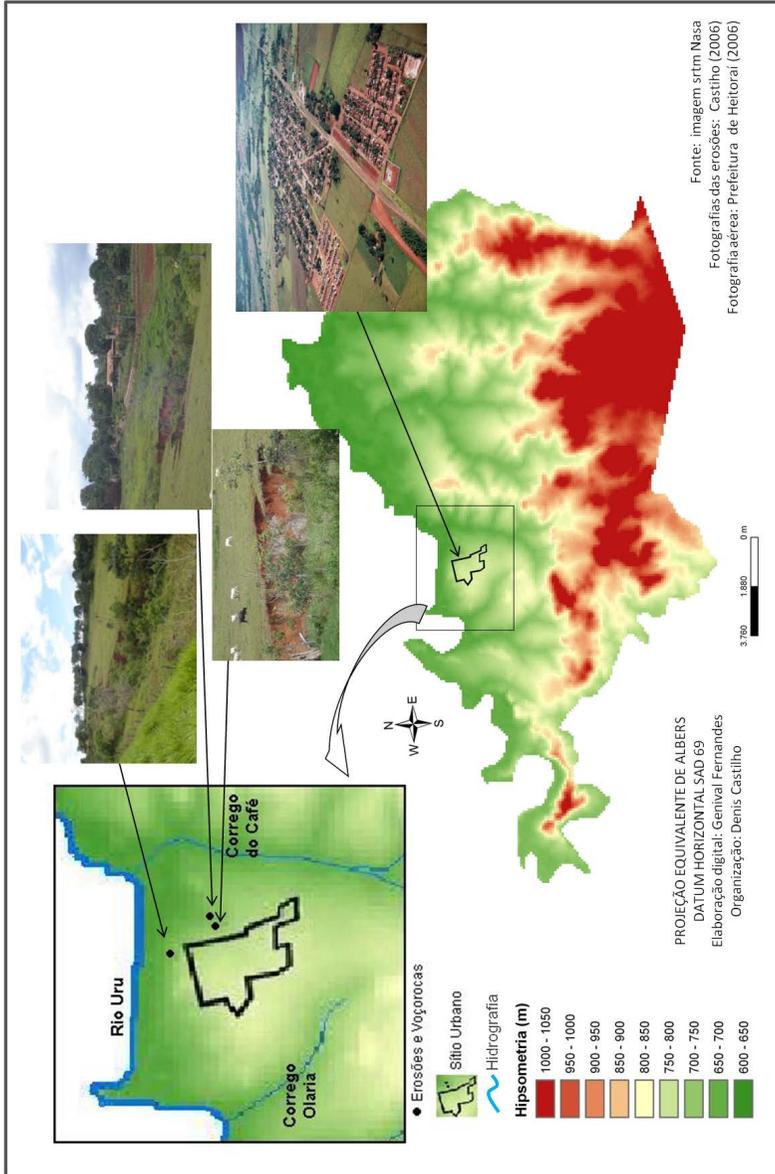


Figura 14 - Local de captação de água no córrego do Café e instalações da Saneago na fazenda capim puba (2006)

A sede municipal de Heitoraí está a 658 metros de altitude. Situa-se na latitude sul 15° 43' 08" e na longitude oeste 49° 49' 45". Está na parte mais alta do interflúvio entre os córregos do Café, Olaria e Rio Uru (figura 15).

A topografia, na cidade, é plana com leve ondulação em direção aos cursos d'água. O solo, como na grande parte do município, é constituído por latossolo. Na cidade não há ocorrência de erosões, já no perímetro urbano leste e nordeste, devido a declividade em direção ao Rio Uru e a ausência de cobertura vegetal, existem algumas, onde inclusive há voçorocas. Observe na figura 15 a localização do sítio urbano no mapa altimétrico do município.

Figura 15 – Heitorai: Hipsometria do município e localização do sítio urbano



As ocupações que ocorreram e ocorrem sobre o sítio urbano se materializam em formas – edificações, ruas, casas, estabelecimentos comerciais, praças etc, os quais caracterizam a morfologia urbana. Vejamos, então, a configuração morfológica de Heitoraí.

Zoneamento morfológico-funcional de Heitoraí

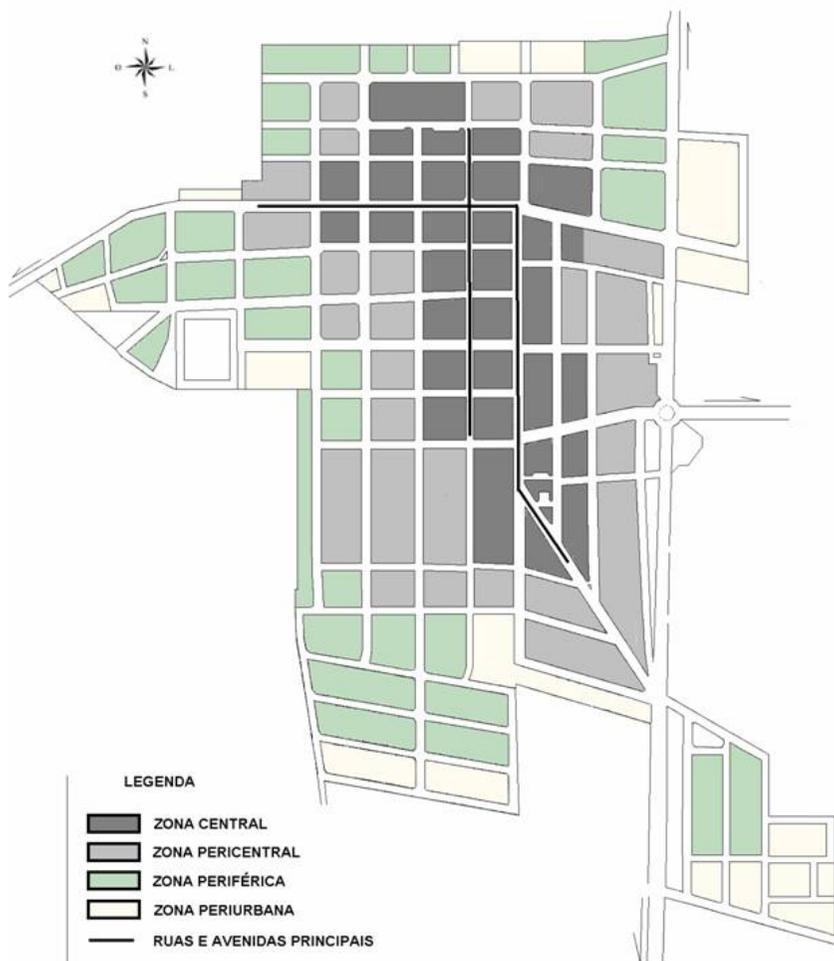
As cidades apresentam diferentes tipos de espaços e possui, em grande parte, zonas centrais, zonas residenciais (em alguns casos, com pequenos comércios de bairro), zonas comerciais etc.

Numa pesquisa sobre “a morfologia das cidades médias”, Amorim Filho e Sena Filho (2005) apontam que o zoneamento morfológico-funcional das *cidades pequenas* se configuram da seguinte maneira:

- Zona Central: praça e rua principal; poucos equipamentos terciários (administrativos, comerciais, religiosos); forte presença de função residencial; pequena diferenciação morfológica e da paisagem;
- Zona Pericentral: pouca diferenciação em relação ao centro; confundindo-se, igualmente com a periferia;
- Zona Periférica: a não ser por algumas “vilas” que acompanham estradas, pouco se distingue da zona pericentral;
- Zona Periurbana: enquanto zona de transição urbanorural praticamente não existe. Isto porque, na prática, não ocorre tal transição.

Cada cidade tem uma morfologia própria. Todavia, há uma tendência de arranjo de zonas urbanas em todas, a exemplo do centro, do pericentro, da periferia etc. Então, a classificação enunciada indica uma tendência nas cidades pequenas. A divisão parte de critérios “formas” (as aparências, as edificações) e “funcionais” (econômica ou residencial). Conforme a figura 16, as zonas em Heitoraí estão assim configuradas:

Figura 16 – Zoneamento morfológico-funcional de Heitorai (2006)

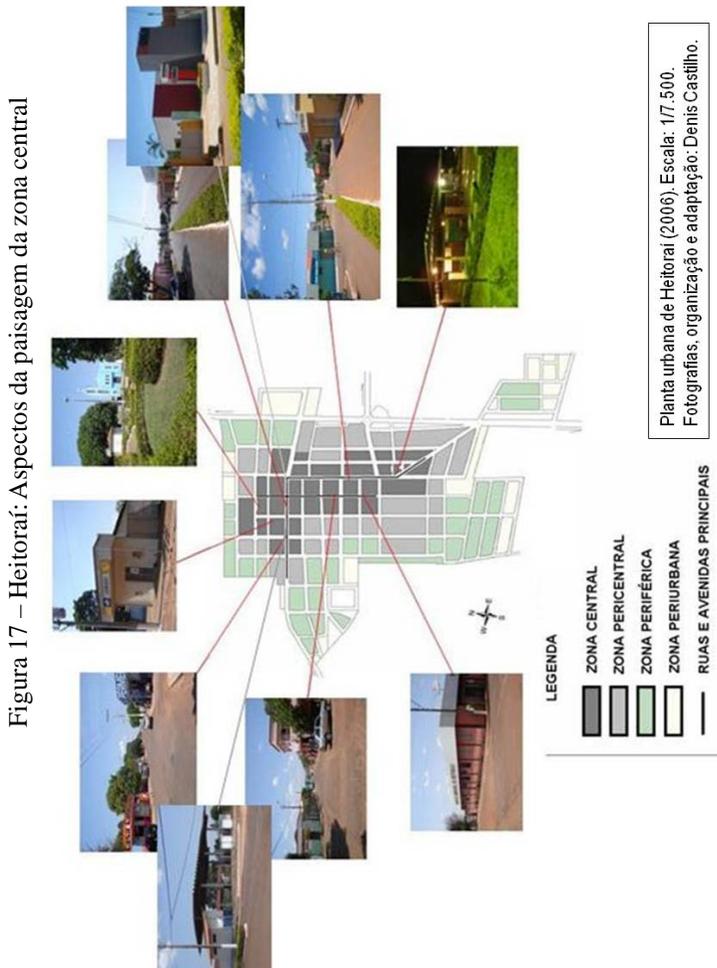


Planta urbana de Heitorai (GO). Escala: 1/7.500.

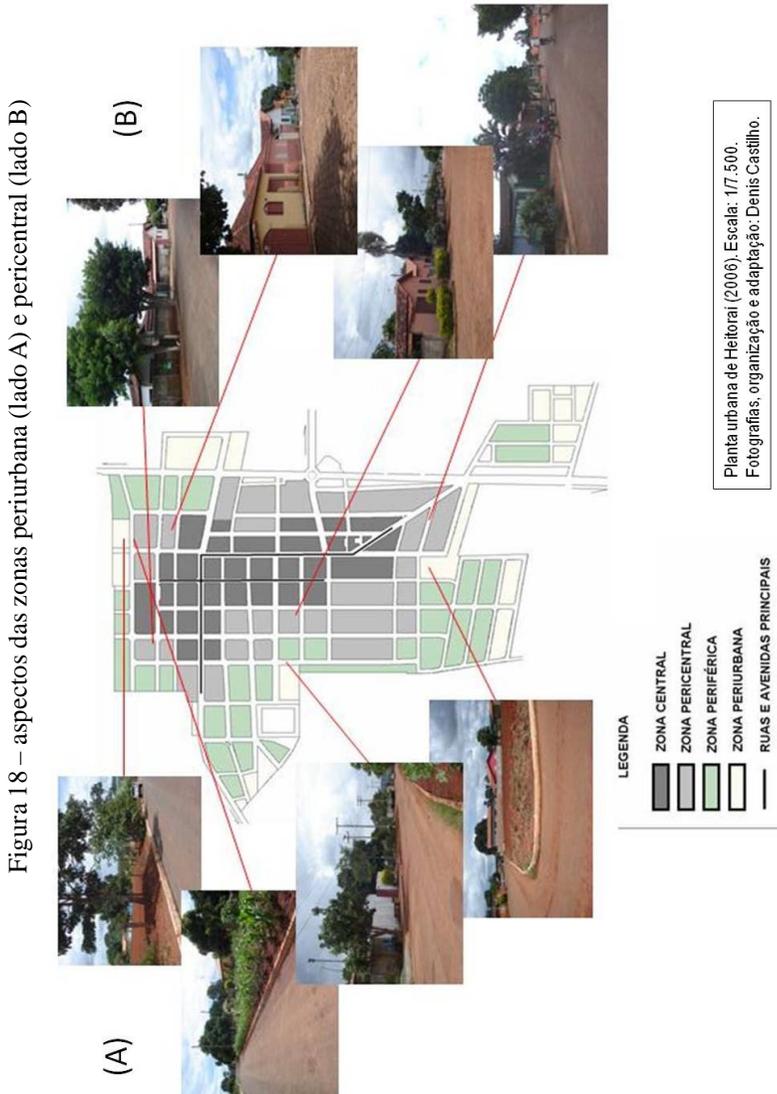
Fonte: Prefeitura municipal de Heitorai (2006).

Zoneamento morfológico-funcional: Denis Castilho (2006).

Entre a zona central e a zona periurbana há uma diferença notável da paisagem. Porém, entre as zonas central, pericentral e periférica a mudança é pequena. Diferentemente das metrópoles, onde é fácil identificar essas zonas, alguns poucos elementos indicam essa diferenciação em Heitorai, como: estabelecimentos comerciais, prefeitura, postos bancários, praça, igreja, escolas e colégios etc, os quais se localizam na zona central. A quantidade de fluxo diário, que é maior na zona central, caracteriza as ruas e avenidas principais. Observe na figura 17 alguns estabelecimentos localizados na zona central:



As residências estão em todas as zonas. Na zona periurbana há, inclusive, residências com grandes lotes, onde se desenvolvem atividades típicas do campo, a exemplo de pequenas lavouras de arroz, mandioca, milho etc (figura 18, lado A). Portanto, nesta zona, a paisagem urbana se imbrica e muito se confunde à rural. A figura abaixo mostra aspectos das zonas periurbana e pericentral.



Como um dos pressupostos desta classificação é o “formal” (que também deriva das funções de cada zona), alguns de seus elementos lembra muito a paisagem. No plano metodológico, são duas dimensões que precedem o território. A paisagem da área urbana de Heitoraí apresenta diferenciações. Já o zoneamento morfológico é uma classificação a partir desta diferenciação, que, por sua vez, é produzida no âmbito territorial.

Elementos territoriais de Heitoraí

A dinâmica socioespacial de Heitoraí, tanto em nível local como regional é, essencialmente, territorial. Nesse sentido, como o território é uma categoria para se pensar o sentido político do espaço, é por meio dele que buscaremos concretizar o estudo socioespacial. Isto pois, para Santos e Silveira (2002), o processo de reconstrução paralela da sociedade e do território pode ser entendido a partir dessa categoria, o que justifica nossa constante menção à dinâmica *socioespacial* como sinônimo de um determinado território. De acordo com Machado (1997), território é o resultado de um processo de apropriação de um grupo social e do quadro de funcionamento da sociedade, comportando, assim, ao mesmo tempo, uma dimensão material e cultural dadas historicamente.

Nesse sentido, ler Heitoraí territorialmente, nos coloca diante da necessidade de saber como os sujeitos sociais se organizam como um todo na relação com o espaço, o que pressupõe examinar minuciosamente fatores materiais e não materiais. Nesses termos, como nos ensina Machado (1997), analisar concretamente o território de Heitoraí significa entendê-lo como um produto da história de seu povo e que, portanto, está em constante modificação.

A autora ainda acrescenta que, para o aprimoramento da análise contemporânea, é necessário considerar não apenas as grandes transformações em termos mundiais, mas também o novo funcionamento do território que ocorre em níveis locais, como é o caso de Heitoraí.

Aqui temos um primeiro pressuposto: o funcionamento do território ocorre em níveis locais. Portanto, Heitoraí, além de ter sua

dinâmica territorial - que é local -, também é um ponto entre os demais que constituem o território goiano.

Para Raffestin (1993), o território é produzido por atores sociais nas relações de poder tecidas em sua existência. Acrescenta que, ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, os atores (sujeitos sociais) “territorializam” o espaço. As empresas e o Estado, por exemplo, através de suas ações, recortes, imposições etc, são instituições produtoras de territórios.

Ou seja, nosso objetivo é mostrar que o território de Heitoráí é fruto da relação que seus sujeitos possuem com o município, numa atitude de morar, trabalhar, viver. E essa relação é, essencialmente, política. Por isso envolve conflitos, trocas, disputas de poder, enfrentamentos etc.

Souza (2003) apresenta alguns questionamentos a Raffestin, mas também destaca as relações de poder como aquelas que definem o território. Ele afirma que todo território pressupõe um espaço social, mas que, nem todo espaço social é território. Nesse sentido, aponta que *território* “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (p. 78).

No processo de formação de Heitoráí, a constituição territorial esteve ligada às oligarquias (fazendeiros). Mas outros atores estiveram ligados na delimitação deste espaço para a concretização das relações de poder: o Estado, a Igreja e os trabalhadores. Mais tarde, veremos que, em decorrência da inserção de Goiás na economia global, entra em cena o capital moderno. Heitoráí, nesse sentido, é parte de um território em que religiões, o Estado, fazendeiros, trabalhadores e o capital moderno representado por empresas, bancos etc, são os principais agentes dinamizadores da economia e da política.

“Território é um nome político para o espaço”, argumentam Santos e Silveira (2002, p. 19). O permanente processo de reconstrução territorial, e da mesma maneira, a redinamização do espaço geográfico, nos coloca diante da necessidade da contextualização do conceito. Para esses autores, o que interessa discutir, portanto, é o *território usado*, sinônimo de espaço geográfico (idem, p. 20, grifo nosso). O meio técnico-científico-

informativa é a expressão geográfica da globalização. Entram em cena novos atores, o mercado passa a ser o grande regulador e um novo conjunto de técnicas torna-se hegemônico e constitui a base material da sociedade.

Melo (2005) comenta que “o mundo globalizado dá outro sentido ao território, modifica o seu conteúdo, estabelece nele diferentes formas” (p.144). Por conseguinte, as novas técnicas possibilitam maior rapidez, o tempo se torna mais rápido. O resultado do processo de (re)significação do território pela globalização, conforme assinala Carlos (1996), é que tudo que existe entra em contato com o mundo, os pontos isolados se ligam ao planeta.

Sendo assim, a inserção de Heitorá na dinâmica territorial em uma escala mais ampla decorreu principalmente das demandas políticas e econômicas do território goiano. E essa inserção guarda uma relação cada vez maior com a lógica do mercado e do consumo. Veremos, portanto, a posição e a função que Heitorá exerce no sistema urbano em que participa.

A posição de Heitorá

A *posição* é um importante elemento da estrutura territorial de Heitorá. Correlacionada com a *função*, termina por caracterizar a sua configuração espacial.

Segundo Corrêa (1994), posição refere-se à localização da forma espacial comparativamente às outras formas: na foz de um rio, no contato entre regiões densamente povoadas e regiões não povoadas etc. Aqui, acrescentamos fatores como processo de formação e montagem da estrutura fundiária (discutidos no segundo capítulo), localização (relativo a outras cidades) e acesso/fluxo (estradas), os quais explicam a posição de Heitorá.

O principal acesso de Heitorá a outras cidades é por meio da GO 156 (rodovia pavimentada), que interliga este município à Itaberaí (36 km), e à Itapuranga (26 km).

A configuração do sistema urbano de um território como o goiano segue uma lógica. Na contemporaneidade, o mercado tem sido fator determinante nesta configuração. E ainda, relevante nesse

processo, é a formação espacial de cada localidade. De uma forma sintética vamos citar um exemplo. Muitas cidades que surgiram no século XVIII em função da atividade aurífera, se constituíram como importantes pontos de rotas comerciais do período. Naquela ocasião, a riqueza encontrada no solo ou no leito dos rios e mananciais, se constituía como germe de povoamento e de dinamização da economia. Hoje, a conformação de um sistema de relações entre cidades, envolve um conjunto de elementos mais complexo. A posição e a logística, por exemplo, ganham novos contornos e articulam novas “rotas” do capital. O sistema de trocas, a oferta de serviços e a confluência de redes viárias passam a constituir elementos estruturadores dos pontos estratégicos da economia regional.

Itaberaí, por exemplo, é um município que se encontra, por meio da GO 070, entre a região metropolitana de Goiânia e a porção noroeste do estado - chamada por Barreira (1997) de Região da Estrada do Boi. Também é grande produtor de arroz, milho e frango. Esse município – em termos econômicos – influencia inclusive a Cidade de Goiás, que outrora foi a principal centralidade econômica do estado. Constituiu-se em Itaberaí uma estrutura de serviços e produtos que serve não apenas a população de seu município, mas também de municípios vizinhos (como Heitoraí), que utilizam dessa infra-estrutura e garantem um consumo maior. É o que Christaller chama de localidade central (essa teoria, em alguns pontos, merece contextualização, todavia contribui com nossa análise).

Ao norte de Heitoraí, Itapuranga também se configura como cidade que centraliza alguns serviços e produtos utilizados por moradores de municípios vizinhos. O processo de montagem da infra-estrutura de Itapuranga começa em meados do século passado. Pela distância de Itaberaí (62 km), pelo difícil acesso a outras localidades (até a década de 1980 a GO 156 não era pavimentada) e pela expressiva dinâmica demográfica do município (Itapuranga possui 1.681 pequenas propriedades) desenvolveu-se na cidade um importante sistema de serviços e de comércio varejista.

A população de municípios como Heitoraí, Guaraita, Morro Agudo de Goiás, São Patrício, entre outros e povoados como Diolândia, Cibeli, Caiçara e Iajes, constituem como consumidores de serviços e produtos encontrados em Itapuranga.

Portanto, vê-se que Heitoraí encontra-se entre duas cidades centrais. E pela proximidade, a relação maior é com Itapuranga. Os residentes rurais da porção sudoeste do município têm maior vínculo com Itaberaí. Como a rodovia que liga à Itaguara não é pavimentada, a ligação com esta cidade se dá apenas com os residentes rurais do extremos leste do município. Os principais pontos de conexão de Heitoraí com outros municípios são nas direções norte (com Itapuranga) e sul (com Itaberaí). Observe as áreas polarizadas pelas respectivas cidades na figura 19.

Note que, em decorrência da posição, Heitoraí é polarizada pelas duas cidades mencionadas acima, e, portanto, sua influência se restringe ao entorno imediato. Vejamos sua função.

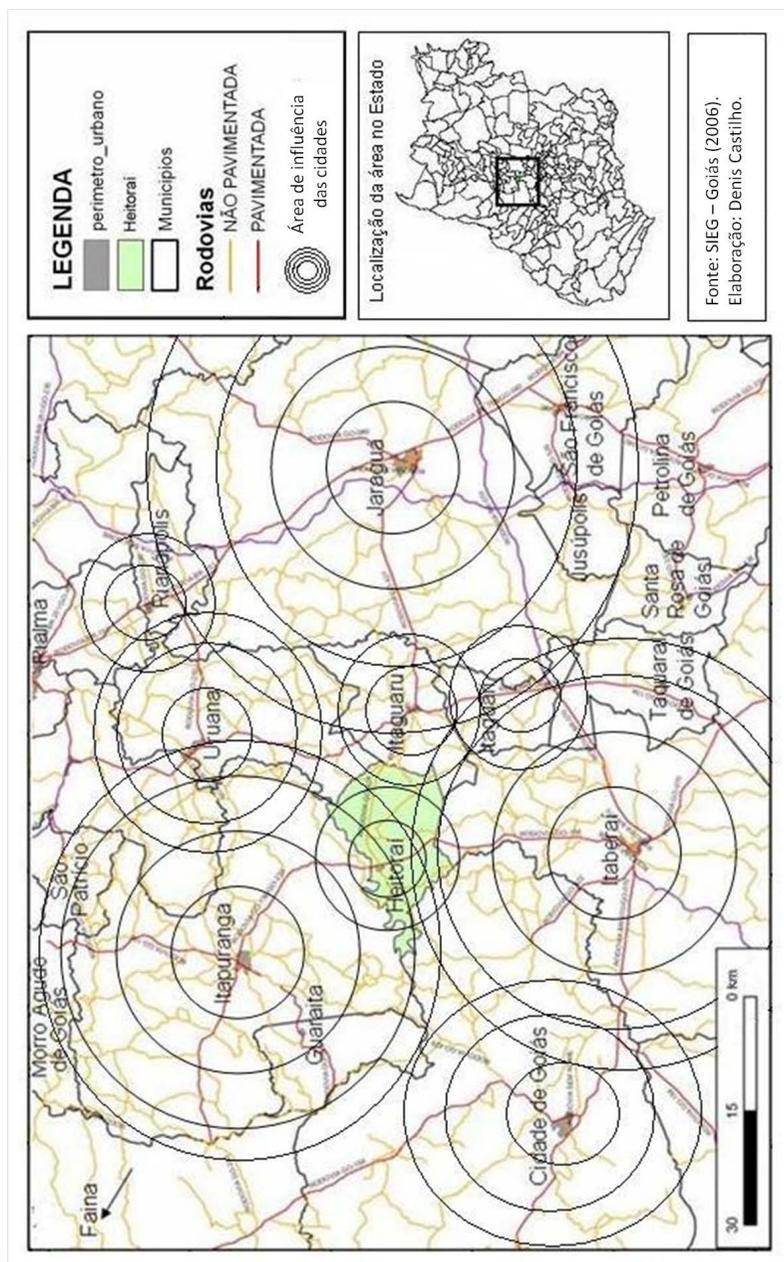
A função de Heitoraí

No período atual, a inserção de uma cidade num sistema urbano se dá principalmente a partir de uma lógica que vem de fora, mas que acontece internamente. De fora no sentido das novas lógicas espaciais. A partir do que apregoa Santos e Silveira (2002), podemos afirmar que são os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira, que, juntamente com o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do espaço de Heitoraí.

Vimos que a posição que Heitoraí ocupa no sistema urbano regional, ou nos termos de Barreira – sua geografia regional, é determinante na montagem de sua infra-estrutura, que é baseada em serviços e produtos básicos (rotineiros).

A montagem desses serviços e produtos ocorreu e ocorre concomitantemente às necessidades dos habitantes. Assim, uma função

Figura 19 – Áreas de influência de cidades próximas à Heitorai



que Heitorai cumpre é o de suprir as necessidades básicas de seus habitantes (alimentação, limpeza, saúde, educação, segurança etc).

Porém, certos serviços que exigem um consumo maior e que não são rotineiros, não são encontrados em Heitorai. Esses serviços encontram condições favoráveis em cidades como Itapuranga, onde o universo de habitantes tanto deste como de outros municípios, garantem uma maior dinamização do consumo.

Há, portanto, uma mobilidade de residentes das cidades vizinhas para Itapuranga diariamente. Dentre os elementos que indicam a centralidade de Itapuranga em relação à Heitorai, podemos mencionar os “Itapurangas Urgentes” - veículos que transportam consumidores de Heitorai diariamente para Itapuranga. Também há um nibus que transporta estudantes nos dias letivos.

Dentre os principais serviços e produtos procurados em Itapuranga por residentes de Heitorai podemos citar: Clínicas, Laboratórios, Bancos (Caixa, Banco do Brasil, Itaú e Bradesco), produtos agropecuários e veterinários, lojas esportivas, auto-peças, supermercado, advogados, cursos pré-vestibulares, de línguas, de graduação etc.

Convém mencionar que, em decorrência de atividades como a agropecuária, há demandas que levam produtores de Heitorai a recorrerem cidades mais distantes, a exemplo de Goiânia. Este fenômeno, obviamente, amplia o sistema de trocas e desloca recursos de Heitorai para outros municípios.

Segue na figura 20, uma demonstração da dinâmica de procura e satisfação de serviços e produtos pelos habitantes de Heitorai. O mapa foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada no município. Levou-se em consideração três tipos de necessidades de bens, serviços e produtos.

- De primeira necessidade (básicos)

Produtos: para agricultura, alimentos (arroz, feijão, carne, verduras, café, óleo, açúcar, sal, macarrão, etc.), ferragens, filmes fotográficos, para limpeza, remédios, para construção, vestuário, agropecuários, etc.

Serviços: beneficiadora de arroz, suporte ao agricultor, salão de beleza, oficinas (bicicleta, inclusive mecânica geral de automóveis), públicos - educação (ensino fundamental e médio), cartório, saúde (postos de saúde, hospital), água tratada, energia, etc.

- De segunda necessidade (produtos diversificados e serviços qualificados)

Produtos: eletro-eletrônicos em geral, vestuário, livraria, móveis, veículos, gráficas, peças para automóveis, agropecuários, etc.

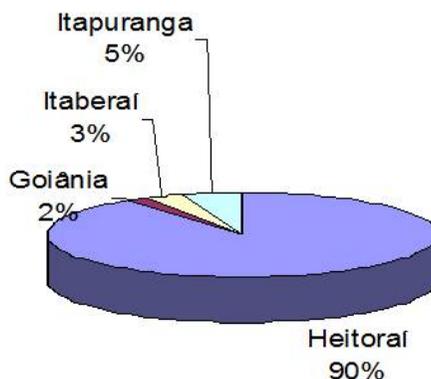
Serviços: financeiros (bancos, crediário), assistência técnica (computadores, eletrodomésticos e mecânicos), serviços de torno, educação particular, curso de pos-graduação, clínicas especializadas (estética, ortopédicos, etc), hospedagem (hotel, motel), diversão (pesque-e-pague, pousadas), etc.

- De alta tecnologia / informatizados

Máquinas e implementos agrícolas, computadores, cinema, centro de convenções, agências de turismo, centro de distribuição, hospitais especializados, shopping centers, universidades (públicas e particulares), emissoras de tv e rádio, jornais impressos de circulação regional, etc.

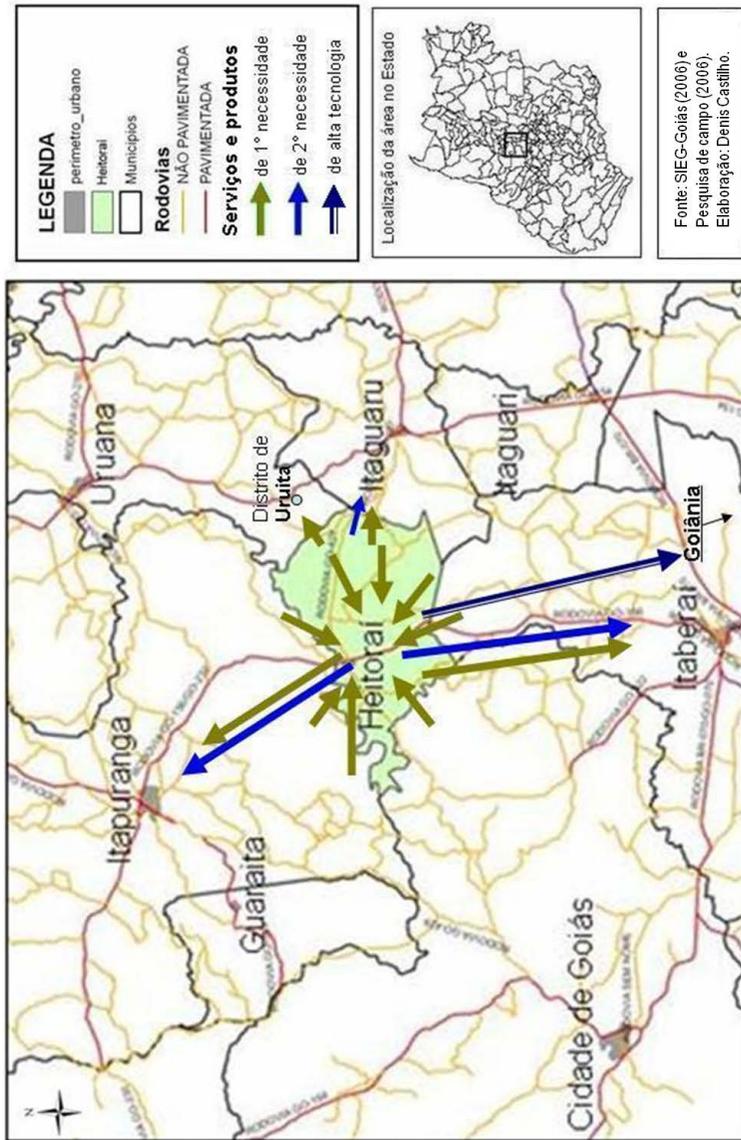
O resultado da pesquisa aponta que, dos entrevistados, 90% satisfazem as necessidades de serviços e produtos de primeira necessidade (básicos) em Heitoraí, 5% em Itapuranga, 3% em Itaberaí e 2% em Goiânia.

Gráfico 2 – Cidade procurada para compra de produtos de primeira necessidade pelos residentes de Heitoraí



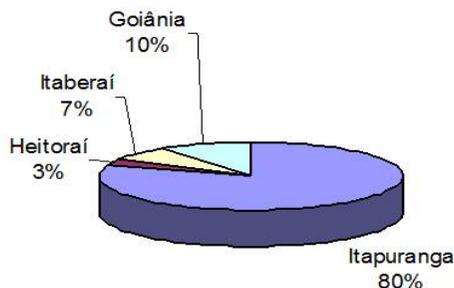
Fonte: Pesquisa de Campo (2006).
Elaboração: Denis Castilho.

Figura 20 – Dinâmica de procura e satisfação de serviços e produtos pelos residentes de Heitorai (2006)



Os de segunda necessidade (produtos diversificados e serviços qualificados) são consumidos em Itapuranga (80%), em Itaberaí (7%), em Goiânia (10%), e em Heitorai (3%). Observe no gráfico 3

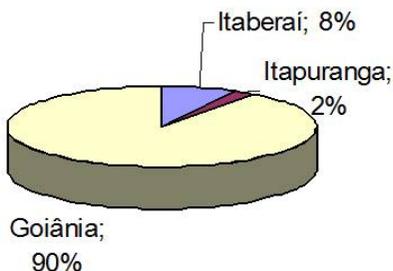
Gráfico3 – Cidade procurada para compra de produtos de segunda necessidade pelos residentes de Heitorai



Fonte: Pesquisa de Campo (2006).
Elaboração: Denis Castilho.

Os produtos e serviços de alta tecnologia (informatizados) têm baixa procura, até porque exigem uma renda alta. Dos entrevistados, mesmo que esporadicamente, apenas 40% afirmaram que consomem alguns desses serviços e produtos. E desses 40%, uma grande maioria (90%) satisfazem essas necessidades em Goiânia, que é recorrida para diversão/passeio (shopping center, cinema, shows), para saúde (hospitais especializados), implementos e máquinas agrícolas etc. Os outros 10% ficaram divididos entre Itaberaí (8%) e Itapuranga (2%).

Gráfico 4 – Cidade procurada para compra de produtos de alta tecnologia pelos residentes de Heitorai



Fonte: Pesquisa de Campo (2006).
Elaboração: Denis Castilho.

Esses dados indicam a função que Heitorai cumpre aos seus habitantes. E isso, como já afirmamos, está diretamente relacionado à posição. Mas além de cumprir essa função, que é local, também exerce um tipo específico de influência que extrapola seu entorno imediato e alcança municípios mais distantes. Podemos exemplificar a produção agropecuária, que abastece mercados de outras cidades, e a dinâmica demográfica. Veremos adiante esses dois pontos mais bem explicados. A despeito disso, fato é que a posição e função de Heitorai nos indicam que sua dinâmica socioespacial é, essencialmente, local.

Portanto, se na análise da paisagem afirmamos que Heitorai é uma cidade pequena (tamanho), por meio da posição e da função chegamos à conclusão que ela é local (dinâmica socioespacial).

Heitorai: uma cidade local

Nossa proposta não é uma discussão terminológica. Todavia, o termo Cidade Local, que foi proposto por Santos (1979), é mais adequado ao delineamento deste estudo porque o conceito carrega fundamentos da dinâmica socioespacial.

Importante, nessa altura das discussões, é destacar que, além do tamanho e da quantidade de habitantes, há um conjunto de elementos que explicam uma cidade que não se restringem necessariamente ao tamanho ou à sua posição na rede urbana. Convém ressaltar que, nem todas as cidades pequenas são locais ao passo que pode haver cidades com um significativo contingente populacional e uma funcionalidade essencialmente local. Também há cidades pequenas que possuem conteúdos específicos que extrapolam a escala local e regional. É o caso de Chapadão do Céu, em Goiás. Por meio de sua produção agrícola, alguns produtores mantêm vínculos com portos e bolsas de valores sediadas em outros países.

Outro exemplo para nossa discussão, é a variação da centralidade de uma cidade conforme a sua localização. Uma cidade com 40 mil habitantes poder ser considerada pequena em regiões com alta densidade demográfica. Por outro lado, estando em regiões com baixa densidade demográfica, ela pode não ser tida como pequena. Por isso, concordando com Deus (2002b), padronizar

uma classificação para um país de grande extensão como o Brasil é correr o risco de generalizações e de equívocos diante das particularidades regionais.

Recentemente, os estudos sobre as cidades de menor porte têm avançado. Além das discussões realizadas por Milton Santos, há também importantes trabalhos como os de W. Santos (1989), que explica a dinâmica das cidades locais no período técnico-científico, Correia (1994 e 1999), Oliveira e Soares (2002), Soares et. all. (2006), entre outros, os quais demonstram esforços para a compreensão das cidades locais no contexto da globalização. No território goiano, uma importante contribuição ao estudo da cidade e sua relação com a região é de Barreira (2002) que reporta à região do Vão do Paraná. Num outro estudo sobre a microrregião Catalão, Deus (2002b) demonstra como as pequenas cidades desempenham papéis nessa região. Esses e outros estudos demonstram a crescente preocupação com essa temática.

Para Santos (1979) “poderíamos definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações” (p. 71). Posteriormente, acrescenta que a definição que corresponde ao espírito de seu estudo, “tem por fundamento um critério funcional: a cidade local é um organismo urbano que atende às necessidades primárias e imediatas das populações locais” (Santos, 1982, p. 104).

Como mostramos anteriormente, a dinâmica socioespacial de Heitorai é eminentemente local, o que a caracteriza como uma cidade local. Trata-se de um fenômeno urbano típico e que deve ser estudado considerando tanto as relações internas como externas, e ambas contextualizadas com o presente.

Heitorai na lógica contemporânea

Como a cidade local se configura diante da lógica territorial contemporânea? Como Heitorai se comporta diante da globalização?

De acordo com Santos e Silveira (2002), no início desse século (XXI), “aumenta o número de cidades locais e sua força, assim como

o dos centros regionais” (p. 203). E que o efeito do tamanho tem influência na divisão interurbana e também na divisão intra-urbana do trabalho. A tendência é que os centros regionais desenvolvam uma infra-estrutura diversificada e dinâmica, aumentando, assim, as relações com as cidades polarizadas.

W. Santos (1989) explica que a circulação e o transporte moderno levam a produção primária diretamente aos grandes centros. Assim, aquelas cidades que não satisfazem as exigências de produção, geralmente se estagnam e outras se esvaziam a favor dos centros mais dinâmicos.

Correia (1999) aponta que, no período atual de globalização, ocorre a refuncionalização das pequenas cidades. Essa abordagem auxilia pensar as cidades locais a partir da reestruturação urbana pela globalização, em que o tempo da produção rápida, das lógicas vindas de fora – que passam a ser hegemônicas – vêm reger o território em Heitorai, onde, no campo, em algumas áreas, muda-se a forma de produção, e na cidade, as relações de troca entremeia o cotidiano dos habitantes. Mas aqui os traços da modernização vai conviver concomitante à uma tradição rural que não se deteriorou. Por isso, a dinâmica socioespacial de Heitorai vê-se entrelaçada entre o moderno que vem e a tradição que resiste, e que ainda é expressiva nesse município.

Esse comportamento diante das lógicas externas, além de ser explicado pela posição e função, é também pelas condições de reprodução do capital encontrados em Heitorai, que responde à isso constituindo sua essencialidade sobretudo na escala local. E a agropecuária, principal atividade desse município, tem sua produção voltada para outros mercados – além é claro, de algumas produções para subsistência que ainda existem. Veremos que, devido aos pequenos índices de produção, o município de Heitorai tem participação pequena na produção do estado – o que é justificado pelo padrão local do município. Soma-se a isso, um pequeno comércio da cidade, que também caracteriza a dinâmica territorial do município.

Dinâmicas territoriais no campo e cidade

As principais atividades desenvolvidas nas 245 propriedades rurais de Heitoráí (178 pequenas, 50 médias e 17 grandes) se referem à agropecuária. Veja os dados da agricultura na tabela 2:

Tabela 2 – Heitoráí: produção agrícola (2005)

Produtos	Área plantada (ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)
Arroz	400	400	1.120
Banana	2.420*	2.420*	29.645*
Cana-de-açúcar	50	50	4.000
Feijão	155	155	264
Mandioca	20	20	320
Melancia	80	80	2.000
Milho	1.500	1.500	5.700
Soja	40	40	120

Fonte: SEPLAN / IBGE (2006).

* AGENCIARURAL e Prefeitura Municipal de Heitoráí (2006).

Elaboração: Denis Castilho.

Essa produção agrícola provém de lavouras permanentes e temporárias. A mandioca, o arroz, o milho e, recentemente, a banana (que já é a principal atividade agrícola do município), aparecem na maioria das propriedades, principalmente nas pequenas. Também, nessas, há uma significativa produção de maracujá, destinada ao CEASA-GO. Está em atividade uma indústria de destilaria em Itapuranga, o que potencializa o aumento da produção da cana-de-açúcar na região, incluindo o município de Heitoráí. Por isso, muitas lavouras (arroz, milho) e áreas de pastagens estão sendo substituídas pela cana. Os dados da tabela 2, portanto, sofrerão fortes alterações, já que isso, entre outros elementos, se deve ao fato do município participar da dinâmica econômica regional.

Alguns pequenos agricultores destinam uma parte de suas produções à feira de produtos do campo, que acontece na cidade. Outros produtos do município vão para cidades próximas (Itapuranga e Itaberáí), para Goiânia, Anápolis, inclusive para outros estados.

Para São Paulo, Heitoraí exporta principalmente banana. Atualmente (2005), com uma produção de 29.645 toneladas, Heitoraí se constitui como grande produtor de banana de Goiás.

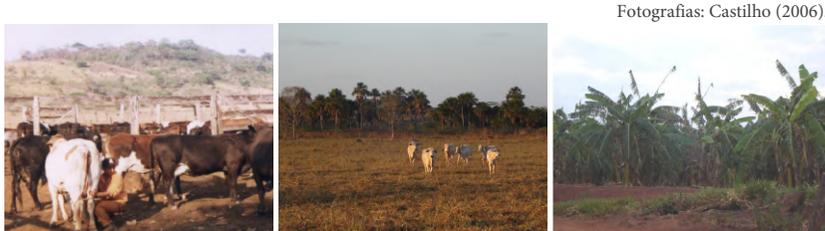


Figura 21: Produção de leite, criação de gado em pastagem e plantação de banana. Município de Heitoraí (2006)

A criação de bovinos – tanto para produção de leite como para carne – é a principal atividade em praticamente todas as propriedades (tabela 3). Em algumas é utilizado o sistema de confinamento, mas, a grande maioria mantém suas criações em pastagens (figura 21), que ocupam 15.071 ha do município. A quantidade de aves em granjas tem aumentado nos últimos anos, o que é explicado pela proximidade com o matadouro da Super Frango de Itaberaí. Já o restante do rebanho avícola provém de criações “caseiras”, nas próprias fazendas, como por exemplo, a galinha “caipira”.

Tabela 3 – Heitoraí: efetivo da pecuária (2004)

Aves (cab) - granja	17.900
Aves (cab) - caseiras	10.400
Bovinos (cab)	23.890
Suínos (cab)	1.312
Equínos (cab)	640
Caprinos (cab)	20
Muare (cab)	45
Ovinos (cab)	342
Prod. de leite (l)	2.778
Prod. de ovos (1.000 dz)	36
Vacas ordenhadas (cab)	2.550
Mel de abelhas (kg)	6.440

Fonte: SEPLAN / IBGE / AGENCIARURAL (2006).
Elaboração: Denis Castilho.

As granjas e algumas lavouras que utilizam técnicas modernas, a criação de gado bovino em confinamento, a produção de leite em ordenha mecânica etc, representam novos modelos de produção em Heitoraiá. Isso significa a inserção de certas propriedades no mercado agropecuário goiano. Mas, ao mesmo tempo, há a criação de galinhas de forma tradicional (no próprio quintal), as pequenas lavouras onde se utiliza a enxada, a criação de gado misto e a produção de leite por ordenha manual.

É nesse campo, onde convivem o moderno e o tradicional, que 40,7% da população de Heitoraiá reside e de onde provém uma significativa parcela da movimentação econômica do município.

Mas, como Heitoraiá não ocupa uma centralidade regional, grande parte de sua produção agropecuária, para ser consumida (mesmo pelos seus próprios habitantes) precisa passar pelos centros de distribuição, como é o caso do CEASA-GO. Isso coloca Heitoraiá numa posição inferior no sistema de consumo e de produção, desprivilegiando seus próprios consumidores. Por exemplo, por meio de trabalho de campo, realizado em setembro de 2006, constatamos que o maracujá produzido no solo heitoraiense, para chegar nas frutarias da cidade, passa antes pelo centro de distribuição. Assim, o preço do produto em Heitoraiá (que o produziu) é mais elevado que na cidade distribuidora.

Portanto, mesmo sendo uma cidade que mantém “intimidades” com o campo, Heitoraiá ainda possui desafios importantes no que tange à tecnificação da produção e nota-se que a lógica do mercado distribuidor acaba marginalizando seus consumidores.

Como vimos nos tópicos anteriores, devido à posição, a função de Heitoraiá se restringe a cumprir o papel de suprir as necessidades rotineiras de sua própria população, que é pequena (3.711 habitantes). Por isso, a infra-estrutura comercial da cidade é simples. São 64 estabelecimentos comerciais, como exemplos supermercado, padaria, açougue, farmácia, frutaria, salão de beleza, bar, lanchonete, pit-dog⁴, lojas de roupas e calçados, posto de combustível, autopeça, mecânica,

⁴ Pequeno estabelecimento, geralmente com estrutura metálica, que funciona principalmente no período noturno onde se vende lanches diversos, x-salada (fest food), sucos, etc.

oficina de bicicleta, sorveteria, depósito de bebidas, materiais básicos para construção, sistema de financiamento popular, postos bancários etc. Há também confecções, beneficiadoras de arroz, marcenaria, entre outros.

Assim, em decorrência desse simples sistema econômico, há pouco movimento na cidade, que é explicado pela pouca circulação de capital.

Esses elementos da cidade e aqueles do campo somam-se à função do Estado que, por meio de receitas e de repasses, se constitui como importante meio de manutenção de significativa parcela da população em Heitorai.

Além de ter dirigido o processo de emancipação de Heitorai, o Estado cumpre funções na instalação de infra-estrutura e de instituições primordiais ao município e que garantem uma gama considerável de assalariados no sistema administrativo, educativo, de saúde, de segurança etc, além de programas de renda para famílias e de aposentadorias. Portanto, o Estado é essencial para cidades pequenas como Heitorai, além de garantir ao município serviços básicos, incluindo instituições financeiras, correios etc.

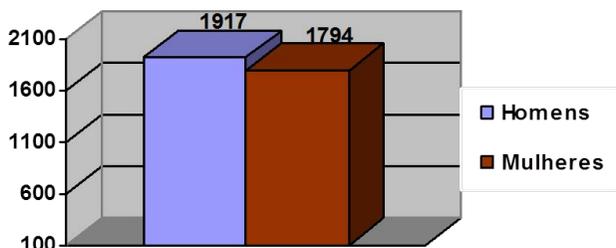
O trabalho e a dinâmica demográfica

É, portanto, no campo, no comércio e indústria (principalmente confecções) da cidade, nas instituições estaduais e municipais que a mão-de-obra heitoraiense é absorvida. Porém, essa absorção é pequena, o que tem influência direta na dinâmica demográfica de Heitorai.

A pouca diversificação dos setores de trabalho e a concentração de uma parcela considerável da mão-de-obra no campo contribuem para que a população masculina de Heitorai seja maior que a feminina (gráfico 5). De acordo com Deus (2003), nas cidades menores, onde a atividade econômica é predominantemente agropecuária, as cidades exercem a função de base para estas atividades, o que é refletido no predomínio da população masculina sobre a feminina.

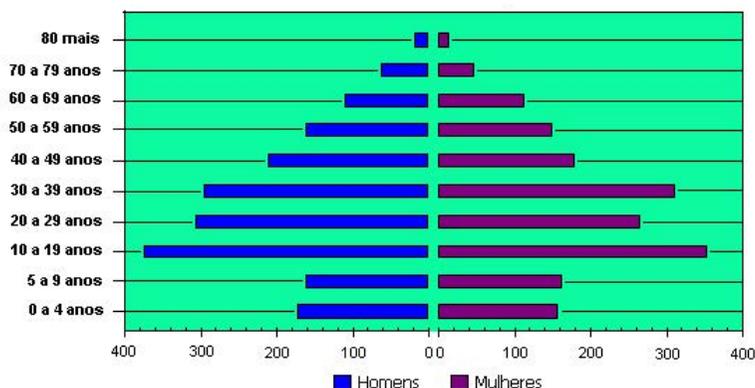
Essa diferença de população por sexo também ocorre em Heitoráí. Observe no gráfico 5 e na pirâmide etária:

Gráfico 5 - Heitoráí – população por sexo (2005)



Fonte: SEPLAN / IBGE (2006).

HEITORAÍ-GO - Pirâmide etária da população (2000)



Fonte: IBGE (2000).

Elaboração: Denis Castilho.

Veja na pirâmide etária que há uma quantidade de mulheres entre 10 e 29 anos menor que a quantidade de homens da mesma idade. A partir dos dados, podemos afirmar que a absorção da mão-de-obra feminina é menor, pois essa absorção é mais comum nos setores de serviços, os quais não têm uma diversificação em Heitoráí como ocorre, por exemplo, em cidades regionais. Importante frisar que nos tempos atuais, a mulher tem assumido cada vez mais as despesas familiares, o que guarda relação também com um novo perfil de autonomia e de necessidade. A pouca diversificação na oferta de

emprego faz com que nas cidades pequenas a eminência do desemprego seja maior entre as mulheres, que, conseqüentemente migram mais que os homens. Decorre disso que, em cidades como Heitorai, Guaraíta, Itaguarú etc, a população masculina tende ser maior. Já em cidades mais centrais (Goiânia, Anápolis, Ceres) o inverso acontece devido a maior quantidade de setores de serviços, onde as mulheres encontram maiores condições de trabalho. Veja na tabela 4:

Tabela 4 - População estimada por sexo, segundo os respectivos municípios (2005)

Municípios	Total	Masculino	Feminino
ESTADO DE GOIÁS	5.619.917	2.798.173	2.821.744
Heitorai	3.711	1.917	1.794
Guaraíta	2.835	1.470	1.365
Itaberaí	29.775	15.084	14.691
Itaguaru	5.224	2.671	2.553
Itapuranga	25.646	12.840	12.806
Uruana	14.051	7.050	7.001
Goiás	26.705	13.455	13.250
Ceres	19.026	9.490	9.536
Goiânia	1.201.006	572.539	628.467
Anápolis	313.412	152.828	160.584

Fonte: IBGE / SEPLAN-GO (2007).

Elaboração: Denis Castilho.

Convém ressaltar que no campo, devido a força da tradição que ainda é muito expressiva, há a figura do camponês (aquele que vive do trabalho das lavouras, que planta, que roça pastos), do lavourista e do pequeno agricultor. Essas categorias têm um peso importante entre a classe trabalhadora de Heitorai. Acrescenta-se as empregadas domésticas, as costureiras, os servidores públicos que ganham salário mínimo, os empregados do comércio, entre outros. São trabalhadores que se mantêm numa vida rotineira.

Convém mencionar que, apesar da baixa renda, a classe baixa de Heitorai não vive em condições de ampla miséria como é comum nas metrópoles brasileiras, onde a criminalidade também é crescente. Em contrapartida, a mobilidade social e as oportunidades são limitadas, ao passo que, nas metrópoles essa mobilidade é maior entre algumas classes.

Boa parte dos servidores públicos, dos micro-empresários e alguns produtores rurais constituem a classe intermediária. Praticamente não existe uma classe portadora de renda alta em Heitorai. Mas, se

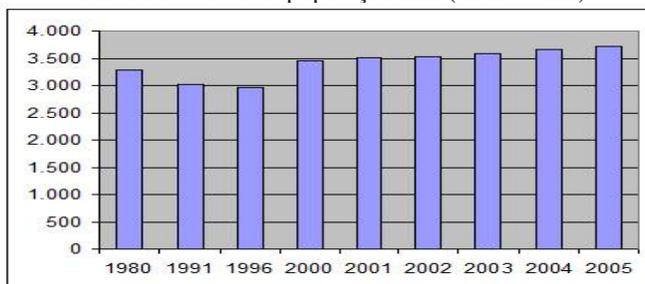
levarmos em consideração a realidade local, podemos mencionar os fazendeiros (grandes latifundiários) - que têm uma história de ligação e de comando da política local, e alguns comerciantes.

Essa estrutura de classes mantém os últimos (a classe "dominante" local) no poder. São eles que utilizam o território heitoraiense como “reduto” de suas políticas, evidenciando uma estrutura de poder patrimonialista e que faz da cidade, conforme destaca Campos (1994), um espaço de dominação e de clientelismo.

Com a incorporação de equipamentos para atenderem o campo e de novos conteúdos tecnológicos, há também os trabalhadores especializados, como o veterinário, o contador, o agrônomo, o bancário entre outros especialistas e comerciantes. Essa categoria de trabalhadores indica que Heitoraiá, além de ser cidade dos notáveis (delegado, padre, curandeiro, fazendeiro, etc), passa a ser também “cidade econômica” (Santos, 1993).

Mesmo se distribuindo no campo, num pequeno comércio, nos serviços domésticos e nos serviços públicos, a estrutura de Heitoraiá não absorve toda mão-de-obra do município. Decorre disso que, em termos populacionais, esta cidade dificilmente cresce, pois, os habitantes – jovens principalmente, em busca de emprego e também de estudo, migram para Goiânia, para outras cidades e até mesmo para o exterior. De acordo com trabalho de campo realizado em setembro de 2006, dos entrevistados, 87% têm algum familiar que migrou para outra cidade em busca de emprego ou estudo. Observe no gráfico 6 que a quantidade de habitante mantém-se relativamente estagnada desde 1980.

Gráfico 6 – Heitoraiá: população total (1980 - 2005)



Fonte: IBGE/SEPLAN-GO(2007).

De 1980 até o presente, vê-se que a população total do município pouco alterou. Se a estrutura do município mantém uma quantidade limite de trabalhadores empregados, parte daqueles não absorvidos, migram. Heitorai, portanto, constitui-se como reserva de mão-de-obra em uma rede urbana mais ampla.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Algumas Particularidades do espaço e do sujeito heitoraiense

Neste livro procuramos explicar os elementos primordiais que caracterizam a dinâmica socioespacial de Heitorai, que é eminentemente uma cidade local. Tal dinâmica é constantemente refuncionalizada pela globalização, que impõe lógicas de fora. Porém, ao mesmo tempo, há lógicas locais que, ao se imbricarem aos elementos da modernização, caracterizam uma particularidade em Heitorai.

Alguns costumes que resistem ao tempo, como a criação de galinhas nos quintais, as folias etc, são mantidos e vivenciados pelas pessoas em sua relação afetiva com o lugar. É o que Chaveiro (2005) chama de espaço profundo, o qual (re)existe no sujeito. Este, que, em Heitorai tem um peso importante das tradições religiosas⁵.

Ainda existem trocas humanas. "Todos conhecem todos". É o que Santos (1993) chama de cidade dos notáveis: padre, médico, professores, prefeito, pastor, senhor "fulano", etc. Mas essa proximidade facilita o controle social. Ao mesmo tempo em que essa proximidade entre as pessoas as trazem para relações pessoais e afetivas, o celular e a internet as jogam para um outro tipo de relação, mais distante, abstrata e impessoal.

Podemos dizer que em Heitorai há a "força da natureza". Há o valor simbólico dos rios e córregos; dos grandes quintais; da criação de galinha, de porco etc, que significam a relação com o campo. Ainda há, no sistema de comércio, a "caderneta" ou fichas que demonstram a proximidade entre comprador e vendedor.

⁵ Essas tradições influenciam valores, crenças e modos de ser. A tragédia e as mortes têm uma repercussão muito peculiar na cidade, o que se explica, também, pela proximidade entre as pessoas.

Grande parte da população tem televisão, e uma parcela dos jovens a internet. Nesse sentido, as informações midiáticas chegam com facilidade em Heitoraiá conduzindo símbolos e valores da economia globalizada.

Com isso, a cultura de massa vai se impondo à cultura tradicional, o que pode ser notado nas próprias festas, onde as danças e manifestações folclóricas vão dando lugar aos ritmos eletrônicos e ao som automotivo, como mostra a figura 22.

Fotografias: Castilho (2006).



Figura 22 - Quadrilha e tenda dançante durante a festa junina de Heitoraiá (2006)

No cotidiano, as telenovelas e programas de televisão influenciam modos de ser, de vestir etc. Ocorre que a cultura de massa que chega em Heitoraiá é incorporada por um sujeito que vive numa realidade diferente daquela mostrada, por exemplo, na trama da novela. E aqueles que se apegam à cultura *de fora* passam a ter indignação com o *local*. Também, os sujeitos que se agarram aos valores tradicionais têm suas identidades perturbadas, pois as tradições já não são mais hegemônicas.

No trabalho de campo realizado em setembro de 2006, grande parte dos entrevistados acima de 40 anos de idade afirmaram estarem satisfeitos em Heitoraiá (pela tranquilidade, sossego, amizade, apesar da falta de emprego), ao passo que, uma parte dos jovens entrevistados afirmaram não estarem satisfeitos com a cidade, já que ela não possui casas de dança, emprego,

festas, lojas esportivas diversificadas, cursos superiores etc. Portanto, se o espaço desejado não é o vivido, a insatisfação torna-se mais um elemento, além daqueles mencionados anteriormente, que motiva os habitantes a migrarem.

O cotidiano, em horários diurnos, é configurado por um ritmo lento, comumente denominado de vida interiorana. Isso é proveniente da pouca circulação de capital. A noite, em dias normais, sem festas tradicionais, o que se tem a fazer se resume em assistir novela, ir à igreja, à praça, à escola, visitar alguém, ao barzinho ou ao pit-dog. Ou seja, nota-se que esse cotidiano perturba aqueles, geralmente mais jovens, que se apegam às informações midiáticas, à internet, etc.

O fato é que as grandes promessas do “mundo moderno”, nas atuais condições infra-estruturais do município, encontram impeditivos para se edificarem em Heitoráí. E isso é justificado pelo perfil desta cidade, que é local. Em todos os casos, fica evidente que uma parcela dos habitantes (principalmente os jovens) não encontrarão oportunidades para continuarem residindo nessa cidade. Nas condições atuais, figurando como reserva de mão-de-obra, não promovendo a articulação dos produtores em sistemas de cooperativas ou de associativismos para agregar valor à produção rural, por exemplo, Heitoráí continuará com a insígneia da sedentarização.

E aqui, podemos dizer que reside uma contradição. Há uma lógica que chega em Heitoráí (proveniente da modernização incompleta), que ilude os sujeitos sociais, mas que os deixa órfãos. A migração, nesse sentido, é a alternativa que “desenraiza” muitos de seus habitantes, cindindo-os porque, apesar do vínculo com o município e com a região, não têm as condições de permanecerem no lugar onde se criaram.

Essas peculiaridades (proveniente, em grande parte da força da tradição e da configuração de Heitoráí enquanto cidade local) foram levantados para mostrar que, diferente das metrópoles, alguns traços ainda existem em Heitoráí, o que denota contrastes entre esta e àquelas.

Fica evidente que, o encontro de tempos, o pouco dinamismo econômico, o impacto cultural da lógica moderna nos sujeitos, o papel da posição, da função, a subordinação da economia às políticas compensatórias do Estado, o desenraizamento e a mobilidade de trabalhadores, montam um painel socioespacial de Heitorai.

Ao analisar a sua dinâmica socioespacial, percebemos que ela é compreendida por um conjunto de contradições e problemas que não são de hoje, mas que, pela modernização “incompleta”, tomaram corpo. Edificar propostas para solucioná-los não é tarefa fácil e imediata – porque depende de conflitos com a estrutura mais geral da sociedade contemporânea e de seu processo de territorialização.

É importante, contudo, ultrapassar a idéia banalizada de que as cidades pequenas são inocentes. Heitorai possui traços da tradição que lembram a antiga vida no campo, mas, mesmo diante das contradições mencionadas anteriormente, é inserida num tempo diferente de outrora, regido por diferentes escalas e pela lógica contemporânea.

REFEFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.) *Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*. Goiânia: IESA, 2002.

AMORIM FILHO, O. B. ; SENA FILHO, N. *A Morfologia das Cidades Médias*. Goiânia: Vieira, 2005.

ARRAIS, T. P. A. *Geografia Contemporânea de Goiás*. Goiânia: Vieira, 2004.

BARREIRA, C. C. M. A. *Região da estrada do boi: usos e abusos da natureza*. Goiânia: UFG, 1997.

_____. *Vão do Paraná: a estrutura de uma região*. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Goiás, 2002.

BRASIL. *Censo demográfico 2000*. Brasília: IBGE, 2001.

CAMPOS, F. I. Cidade, espaço de dominação. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v.14, n.1, p. 61-75. 1994.

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CASTILHO, Denis. A dimensão espacial do turismo e a captura da paisagem. In.: *III Colóqui de Turismo – o território do turismo no Estado de Goiás*. Goiânia: IESA/UFG, 2005.

_____. Trabalhando com Imagens da Paisagem no Ensino de Geografia. In: *Anais do I Encontro Nacional dos Grupos Pet Geografia*. Uberlândia: PET-GEO/UFU, 2006.

_____; Chaveiro, E. F. A Cidade Local no Território Goiano. In: Cavalcanti, L. de S. et all. *Temas da Geografia*. Goiânia: Pet-Geo IESA/UFG, ed. Vieira, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. Uma Geografia da Cidade – elementos da produção do espaço Urbano. In:_(org.). *Geografia da Cidade:a produção do espaço urbano de Goiânia*. Goiânia: Alternativa, 2001.

CHAVEIRO, E. F. *Goiânia, uma Metrópole em Travessias*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001. (Tese, doutorado em Geografia).

_____. Traços e matrizes para a compreensão de um Goiás profundo. In:_(org.). *A Captura do Território Goiano e a sua Múltipla dimensão Socioespacial*. Catalão: Modelo, 2005. p. 168-188.

_____. A urbanização do sertão goiano e a criação de Goiânia. In: GOMES, H. (Org.). *O Espaço Goiano: Abordagens Geográficas*. Goiânia: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2004.

CORRÊA, R. L. *A rede urbana*. - 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Trajatórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. *Território*, Rio de Janeiro, v.4, n.6, p.41-53, jan./jun. 1999.

DEBORD, G. O Planejamento do Espaço. In:- *A sociedade do Espetáculo*.(tradução: Estela dos Santos Abreu). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.p. 111-119.

DEUS, J. B. de. As atuais transformações estruturais na economia goiana e os seus desdobramentos nas mudanças socioespaciais. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.) *Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*. Goiânia: IESA, 2002. p. 177-196.

_____. *O Sudeste Goiano e a desconcentração industrial*. Brasília: Ministério da Integração: Universidade Federal de Goiás, 2002b.

ESTEVAN, L. A. Economia Política em Goiás. In: *Estudos*: revista da Universidade Católica de Goiás. Vol. 27, n. 3. Goiânia: UCG, 2000.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FABREGAT, Clemente Herrero. *Educação e Cultura Urbana: novas perspectivas educativas para o estudo da cidade* - palestra proferida no III Seminário Cidade e Educação no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais / UFG. Goiânia, 30 de outubro de 2006.

GOMES, H; TEIXEIRA NETO, A; BARBOSA, A. S. *Geografia: Goiás / Tocantins*. 2. ed. rev. e ampl. Goiânia: UFG, 2005.

- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1989.
- MACHADO, M. S. Geografia e Epistemologia: Um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. In: *GEO UERJ*. N. 1. (jan. 1997). Rio de Janeiro: UERJ, Departamento de Geografia, 1997.
- MELO, S. C. de. O território na era da globalização. In: *Guanicuns*. Ver. Da FECHA/FEA – Goiás, 02: 141-145, jun. 2005.
- NASCIMENTO dos SANTOS, L. et al. (orgs.). *Uma pequena viagem pela história de Heitoraí*. Heitoraí: Escola Estadual Olavo Costa Campos, 2006.
- LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- _____. *O Direito à Cidade*. (Trad.: Rubens Eduardo Frias). São Paulo: Centauro, 2001.
- OLIVEIRA, B. S. de; SOARES, B. R. Cidades Locais do Triângulo mineiro e alto Paranaíba/MG: Algumas considerações. In: *Caminhos de Geografia* - revista on line. Ano 3, n. 5, fev. Uberlândia, MG: Programa de pós-graduação em Geografia, 2002.
- PEREIRA, D. A. C; SANTOS, D; CARVALHO, M. B. de. Geografia dos Índios (Cap. 6). In: *Geografia: ciência do espaço*. São Paulo: Atual, 1998. p. 73 – 80.
- RAFFESTIN, C. *Por Uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RIGONATO, V. D. A dimensão sociocultural das paisagens do cerrado goiano: o distrito de vila borba. In: ALMEIDA, M. G. de. *Tantos Cerrados*. Goiânia: Vieira, 2005.
- RODRIGUES, A. B. *Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- ROMANO, Claudia Márcia Bernardes. *A cidade de Morrinhos: uma abordagem geográfica*. Goiânia: Grafset, 2006.
- SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade: ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. *A Urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos*. (trad.: Antonia Dea Erdens e Maria Auxiliadora da Silva; revis.: José Fernandes Dias). 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- _____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo-SP: Hucitec. 1996.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 4º ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, W. dos. *Cidades locais, contexto regional e urbanização no período técnico-científico. O exemplo da região de Campinas-SP*. Tese de Doutorado, Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO. *Anuário Estatístico de Goiás – 2005*. Goiânia: SEPLAN, 2006.

SOARES, B. R et all. Pequenas Cidades do Cerrado Mineiro: reflexões sobre suas diversidades e particularidades socioespaciais. In. SOARES, B. R; OLIVEIRA, H. C. M. de; MARRA, T. B. (orgs.). *Ensaio Geográficos*. Uberlândia: UFU/PET, 2006. p. 45-72.

SOUZA, M. L. de. *ABC do desenvolvimento urbano*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I. E. de. et al. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. – 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TEIXEIRA NETO, A. O Território Goiano: formação e processo de povoamento e urbanização. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.) *Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*. Goiânia: IESA, 2002. p.11-46.

TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar*. São Paulo: DIFGL, 1983.

VEIGA, José Eli da. *Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2002.

VILLAÇA, F. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. São Paulo: FAPESP, 2001.

SOBRE O AUTOR

Denis Castilho nasceu em Heitorá (GO), em 1985.

Graduou-se em Geografia (bacharelado e licenciatura) na Universidade Federal de Goiás (2006), onde atualmente cursa Mestrado no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (2007). É membro-sócio da Associação dos Geógrafos Brasileiros e integrante dos Núcleos de Estudos e Pesquisas em "Educação Ambiental e Transdisciplinaridade" e "Formação Territorial de Goiás".

Denis Castilho fala do espaço aprendendo o seu próprio fundamento. Ele descobre que uma cidade local, como Heitorai, é um mundo onde a vida pulsa, as contradições sociais se sedimentam e clamam por compreensões e mudanças.

Nesse sentido, o livro nos apresenta a interlocução entre o vivido em Heitorai e o científico do conhecimento geográfico. Nessa interlocução, a leitura perpassa por paisagens urbanas e rurais do mesmo município na busca do hibridismo (rural-urbano) e na procura da compreensão geográfica das pequenas cidades do Estado de Goiás.

ISBN 978-85-60798-00-1



9 788560 798001